



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

VITOR GABRIEL BORGES HERNESTO

CARTAS SOBRE QUEM (AINDA) NÃO SABE ESCREVER:  
A ESCRITA COMO ACONTECIMENTO NA FORMAÇÃO DE UM  
PROFESSOR DE CIÊNCIAS

AREIA

2023

VITOR GABRIEL BORGES HERNESTO

CARTAS SOBRE QUEM (AINDA) NÃO SABE ESCREVER:  
A ESCRITA COMO ACONTECIMENTO NA FORMAÇÃO DE UM  
PROFESSOR DE CIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro de Ciências  
Agrárias da Universidade Federal  
da Paraíba, como requisito parcial  
à obtenção do título de Licenciado  
em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Saimonton  
Tinôco.

AREIA

2023

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

H558c Hernesto, Vitor Gabriel Borges.

Cartas sobre quem (ainda) não sabe escrever: a escrita como acontecimento na formação de um professor de ciências / Vitor Gabriel Borges Hernesto. - Areia:UFPB/CCA, 2023.

94 f. : il.

Orientação: Saimonton Tinóco.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Ciências Biológicas. 2. Cartas pedagógicas. 3. Políticas de alfabetização. 4. Método cartográfico. 5. Rede social X. I. Tinóco, Saimonton. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 573 (044.2) (02)

VITOR GABRIEL BORGES HERNESTO

CARTAS SOBRE QUEM (AINDA) NÃO SABE ESCREVER:  
A ESCRITA COMO ACONTECIMENTO NA FORMAÇÃO DE UM  
PROFESSOR DE CIÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Centro de Ciências  
Agrárias, da Universidade Federal  
da Paraíba, como requisito parcial  
à obtenção do título de licenciado  
em Ciências Biológicas

Aprovado em: 09/11/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Saimonton Tinôco (Orientador)  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof. Dr. Franklin Kaic Dutra-Pereira  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Profa. Dra. Ângela Cristina Alves Albino  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

A minha mãe, por toda confiança e apoio,  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo suporte, paciência e incentivo durante esses anos de graduação e de vida.

À toda minha família, por viver esse momento junto comigo, especialmente meus irmãos Gustavo Wagner, Victória Gabrielly e Marcus Vinícius.

À Universidade Federal da Paraíba, em especial aos funcionários do Centro de Ciências Agrárias, pelo empenho em manter a qualidade da nossa universidade.

Aos/às meus/minhas colegas de curso, que compartilharam toda essa experiência que foi a graduação. Especialmente Maria Eduarda, com quem conversei tanto nos momentos difíceis quanto nos momentos de alegria.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID), pela oportunidade concedida e por toda a contribuição que teve no meu desenvolvimento como discente, docente e pesquisador. Em especial, aos coordenadores David Holanda e Carlos Henrique, bem como ao supervisor Raphael Cavalcante e a todos/as os/as meus/minhas colegas, que a partir desse projeto se tornaram amigos/as.

Ao Programa de Apoio à Licenciatura (Prolicen), pela bolsa concedida e pela oportunidade de trabalhar temas tão importantes à formação, ampliando bastante aquilo que entendo como universidade.

A todos/as os/as professores/as que fizeram/fazem parte da minha graduação, que ficará para mim como referências.

A todos/as do Com-fabulações: ateliê de pesquisas inventivas em educação, pelas conversas e contribuições ao meu trabalho. Sou grato pelo compromisso que assumimos em trabalhar coletivamente e pensarmos em outros modos de ser/fazer/escrever ciência.

À professora Ângela Albino, que com toda a sua alegria e afetuosidade me ensinou a ver a política como uma forma de vida. Ainda me ensinou que uma aula pode ser leve, alegre e poética.

Ao professor Franklin Kaic, por suas palavras; por vezes reviravam tudo na minha cabeça e me faziam refletir sobre várias coisas. Por seu incentivo eu comecei a fazer esse trabalho.

Ao meu amigo e orientador, professor Saimonton Tinôco, que me ensinou tanto que não cabe nessa seção de agradecimentos. Acreditou em mim, muitas vezes até mais do que eu mesmo.

Aos amigos, amigas e colegas, que vou levar para toda a vida, que me ajudaram a me tornar uma pessoa melhor.

Enfim, a todas as pessoas que fizeram parte, em algum momento, deste processo tão importante para mim. Deixo aqui meu muito obrigado!

“Amar e mudar as coisas me  
interessa mais” (Belchior, 1976).

## RESUMO

Olá, querido(a) visitante, seja bem-vindo(a)! Deixei aqui algumas cartas que podem lhe interessar. Elas contam sobre a alfabetização e os tensionamentos existenciais na/da formação docente, com diferentes destinatários, intenções, sentidos, vivências, histórias e afetações. Como fio condutor para a escrita de tais cartas, trago a seguinte questão norteadora: como conhecer sobre o processo de alfabetização pode contribuir para as aulas de ciências/biologia? A partir desse problema busquei entender como conhecimentos sobre a alfabetização podem contribuir para a formação de um docente de ciências/biologia. Visando atender ao objeto proposto, assumi a escrita epistolar como percurso metodológico, formativo e pedagógico, em busca de uma ciência aberta, que questiona os modos de produção de conhecimento e, a partir disso, rompe com as formas de colonização do saber. Seguindo algumas pistas da cartografia de inspiração deleuziana componho meu mapa, a partir de cartas trocadas com o meu orientador e de outras epístolas escritas para destinatários(as) diversos. Nestas, narramos sobre como tem se configurado a alfabetização em nosso país, a partir do cotidiano de uma escola pública, de relatos de algumas pesquisas acadêmicas e de postagens na rede social virtuais X (antigo *Twitter*), além de algumas histórias de minha família. Como consequência de tal percurso, entendi que o processo de alfabetização é complexo e marcado por várias relações de poder. Desse modo, assumir uma perspectiva política de criticidade se faz necessário, para entendermos o constante fracasso que temos em alfabetizar as crianças de nosso país; para podermos observar a alfabetização enquanto *continuum*; para conectá-la com a biologia e, com isso, ampliar seu sentido na formação de crianças e docentes.

Palavras-chave: cartas pedagógicas; políticas de alfabetização; método cartográfico; estudos nos/dos/com os cotidianos; rede social X.

## ABSTRACT

Hello, dear visitor, welcome! I left here some letters that may interest you. They talk about literacy and the existential tensions in/of teacher training, with different recipients, intentions, meanings, experiences, stories and affects. As a guideline for writing such letters, I bring the following guiding question: how can knowledge about the literacy process contribute to science/biology classes? Based on this problem, I sought to understand how knowledge about literacy can contribute to the training of a science/biology teacher. Aiming to meet the proposed objective, I adopted epistolary writing as a methodological, formative, and pedagogical path, in search of an open science, which questions the modes of knowledge production and, from this, breaks with the forms of colonization of knowledge. Following some clues from Deleuzian-inspired cartography, I compose my map, based on letters exchanged with my advisor and other epistles written to different recipients. In these, we narrate how literacy has been configured in our country, based on the daily life of a public school, reports of some academic research and posts on the virtual social network X (formerly Twitter), in addition to some stories from my family. As a result of this journey, I understood that the literacy process is complex and marked by various power relations. Therefore, assuming a political perspective of criticality is necessary, to understand the constant failure we have in teaching children in our country to read and write, so that we can observe literacy as a continuum; to connect it with biology and, therefore, expand its meaning in the training of children and teachers.

Keywords: pedagogical letters; literacy policies; cartographic method; studies in/of/with everyday life; social network X.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – <i>Thread</i> do dia 4 de janeiro de 2023 (Parte I) .....	57
Imagem 2 – <i>Thread</i> do dia 4 de janeiro de 2023 (Parte II) .....	61
Imagem 3 – <i>Thread</i> do dia 12 de abril de 2023 (Parte I) .....	65
Imagem 4 – <i>Thread</i> do dia 12 de abril de 2023 (Parte II) .....	68
Imagem 5 – <i>Thread</i> do dia 12 de junho de 2023 (Parte I) .....	71
Imagem 6 – <i>Thread</i> do dia 12 de junho de 2023 (parte II) .....	73
Imagem 7 – <i>Thread</i> do dia 12 de junho de 2023 (parte III) .....	74

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCA	Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba
CEEC	Comitês Estratégicos Estaduais do Compromisso
CENAC	Comitê Estratégico Nacional do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSED	Conselho Nacional de Secretários de Educação
EWf	Fórum Mundial de Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INSPER	Instituto de Ensino e Pesquisa
MEC	Ministério da Educação
NEI	Núcleo de Educação da Infância
NEM	Novo Ensino Médio
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNE	Plano Nacional da Educação
RENALFA	Rede Nacional de Articulação de Gestão, Formação e Mobilização
SEALF	Secretaria de Alfabetização

SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNDIME	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

## SUMÁRIO

CARTA 1 .....	13
CARTA 2 .....	19
CARTA 3 .....	22
CARTA 4 .....	26
CARTA 5 .....	32
CARTA 6 .....	37
CARTA 7 .....	40
CARTA 8 .....	45
CARTA 9 .....	47
CARTA 10 .....	50
CARTA 11 .....	52
CARTA 12 .....	54
CARTA 13 .....	57
CARTA 14 .....	77
CARTA 15 .....	84
REFERÊNCIAS .....	90

## CARTA 1

Areia/PB, 03 de julho de 2023.

Cara comunidade científica,

O caminho percorrido por mim até aqui foi de muitas reviravoltas, reflexões e reconstruções. É como o poeta espanhol Antonio Machado nos ensina: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar” (Carta 4). Por esse motivo, a ideia desta carta é conversar com vocês sobre esses (des)caminhos, a partir de algumas cartas que eu troquei com meu orientador e dos rumos que a pesquisa tomou, a partir da correspondência.

Desde o início, pensamos em assumir uma estratégia metodológica inspirada nas teorias pós-críticas em educação. A primeira tentativa se deu com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, baseado nos textos de Nilda Alves (2003). Naquele momento, tínhamos a ideia de nos aproximarmos do dia a dia da escola onde eu havia estagiado e, a partir de conversas, conhecer as implicações do contexto para o processo de alfabetização das crianças.

Porém, por questões burocráticas e administrativas, vimos que não seria possível fazer o TCC dessa maneira. As turmas da escola eram numerosas e, por isso, no horário das aulas era impossível conversar com as professoras. Muitas delas trabalham em duas ou mais escolas e, com isso, ficam sem tempo para atividades sem remuneração no contraturno, por mais que elas considerem essas atividades importantes. Ademais, havia a necessidade de submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFPB, processo que demanda bastante tempo, para obtermos legalmente as autorizações para as atividades de campo.

Então, o que fazer diante de tais situações? Combinei com meu orientador que escreveria uma carta para o nosso grupo de pesquisa,

o Com-fabulações: ateliê de pesquisas inventivas em educação, pedindo que as pessoas me contassem suas histórias de alfabetização. Fiz um rascunho do texto e pedi que o meu orientador o corrigisse. Para minha surpresa, ao invés de receber uma cópia cheia de marcações e comentários, como tradicionalmente se faz, ele me enviou uma carta.

Já nessa primeira carta a possibilidade de fazer o TCC em forma de cartas foi sugerida por Saimonton:

Acho bem legal usar as cartas como dispositivo de pesquisa. Já pensou em fazer seu TCC assim? Lembra dos textos que estudamos no último encontro do ateliê? Essa ideia me animou a te escrever uma carta, ao invés de te dar um retorno de modo mais convencional, digamos assim. Quem sabe as cartas também não te ajudam a perder o medo de se arriscar na escrita?!;) (Carta 2).

Eu sempre tive medo/receio de escrever diferente do habitual (as cartas não fazem parte da minha geração), principalmente na escrita acadêmica. Nessa primeira carta e, mesmo agora, enquanto escrevo para vocês, percebo que estou redigindo com as marcas da escrita acadêmica padrão. De vez em quando escorrego em um modo impessoal, como sujeito passivo e como se fosse possível uma linguagem neutra.

Por esse motivo, optar pelas cartas como ferramenta metodológica vem da nossa ideia de problematizar as formas hegemônicas de produção de conhecimento e de escrita acadêmica. Consideramos que não há pesquisa sem emoção, por isso a nossa aposta metodológica se dá numa política da intimidade (Battistelli, Oliveira, Costa, 2023). Escrever uma carta é um ato político, de questionamento do fazer científico e da escrita acadêmica hegemônicas.

Uma busca por outras formas de ser/estar/fazer universidade, de modo a se opor àquela ciência branca, europeia, machista, elitista,

positivista etc. Uma ciência e um mundo onde caibam o Seu João e a Dona Maria, que tantas vezes têm suas vozes abafadas porque antes tiveram o acesso à leitura e escrita negados. Uma escrita acadêmica à brasileira, com a beleza, a riqueza e a mestiçagem que tem nosso país, por isso cartas atravessadas por poemas. Ou seriam *cartaspoemas*?

Escrever poemas me fez entrar no corpo desses personagens e, com isso, sentir um pouco de como podem ser os desafios diários de uma pessoa analfabeta. O não entender o mundo escrito completamente, com suas placas, internet, *outdoors* etc. A necessidade da leitura e da escrita como instrumento de reivindicação, de fala, de existência. Os desejos, as dúvidas, o autoconhecimento, o reconhecimento, a luta.

Assim, entendemos que a poesia tem a “capacidade de síntese de um pensamento, sentimento ou vivência, [...] marcado pelo ato de metaforizar os fatos, os sentimentos, a vida, captando deles o que é percebido como essencial” (Moraes; Castro, 2018, p. 7). Com isso, valorizamos a estetização da escrita acadêmica, que se dá pela apropriação de algumas produções literárias como referencial, sejam elas a música, a poesia, o cinema, as cartas, dentre outras, visando “uma configuração estética mais atrativa, arejada e poética, com o intuito de que esse tipo de texto possa gerar nos leitores maior envolvimento” (Moraes; Castro, 2018, p. 3).

O uso das cartas traz consigo várias potencialidades. Nelas expomos um conhecimento que não é linear, em caixinhas (introdução, metodologia, referencial teórico, análise de dados etc.), como estamos acostumados na academia. É uma escrita livre, complexa, sem direção aparente. Uma estratégia rizomática (Deleuze; Guattari, 1995), porque insubordinada.

Trata-se, ainda, de um instrumento de luta, porque anuncia, denuncia e renuncia, permitindo-nos fazer reflexões permanentes. É

um dispositivo formativo e investigativo que se apresenta como forma de resistência, comprometido com a transformação social, como ruptura dos processos de colonização de poder (Paulo, 2023).

Como aposta narrativa outra, contam a história de uma época e de um grupo e, com isso, encerram sabedorias, pois os relatos são feitos a partir da própria experiência. Unem razão e emoção em um só espaço textual, além de heterogeneidade de pontos de vista. Visam a descolonização dos saberes, dos seres e das subjetividades, permitindo-nos agir em cumplicidade subversiva, ainda flertam com a oralidade, permitindo que se escreva falando (Battistelli; Oliveira, 2021).

Nesse sentido, assumimos os discursos como a produção de sentidos sobre a experiência (Bondía, 2002), ou seja, parte constituinte desta, uma vez que a constrói a partir das possibilidades de simbolização. Por isso também nos interessou conhecer o que vem sendo dito sobre alfabetização, na rede social virtual “X” (antigo *Twitter*), pela atual composição do Ministério da Educação. Sentimos tal necessidade, por entendermos que a cartografia visa o acompanhamento de processos, quando o cartógrafo deve se atentar e operar sobre o plano de forças, que está situado no plano ontológico (Passos; Kastrup, 2013).

Vocês já pensaram sobre a potencialidade dos discursos presentes nas redes sociais? Eles criam significados que são subjetivamente válidos e objetivamente presentes no mundo contemporâneo, em nossas ações e práticas (Hall, 2017). Mesmo que não percebamos, nossas ações no cotidiano são fortemente influenciadas pelos discursos que aceitamos como verdade, seja de forma consciente ou não.

Em nosso mundo cada vez mais tecnológico e virtual, as redes sociais virtuais se tornam cada vez mais importantes e impactam mais profundamente a nossa vida cotidiana. Diversos aspectos da vida

humana são influenciados por essas ferramentas, como por exemplo: a organização política dos cidadãos nas lutas por melhorias sociais, o entendimento dos acontecimentos históricos no mundo, a concepção de autonomia, os processos de aprendizagem, entre outros (Santos, Santos, 2014).

Desse modo, trazer as redes sociais virtuais para a nossa pesquisa nos permitiu ampliar a forma como entendemos as políticas educacionais, especificamente aquelas dedicadas à alfabetização. Os *threads* são um recurso interessante para uma pesquisa já que apresentam um tipo de argumentação desenvolvida de modo sequencial, devido à limitação de caracteres do “X”, precisam ser escritas em um fio de vários *tweets* (Seixas, 2023).

Para isso, localizamos alguns *threads* do perfil pessoal do ministro da educação Camilo Santana (@CamiloSantanaCE), além de *tweets* do perfil oficial do Ministério da Educação (@min\_educacao), contas utilizadas continuamente para informar as pessoas sobre as ações oficiais do ministério. Ambos os perfis foram selecionados por se tratar de canais oficiais e que, por isso, apresentam os posicionamentos e opiniões das pessoas que detêm o poder político institucional.

Para essa pesquisa, fizemos uma busca pelo termo “alfabetização” em ambos os perfis, no período de 1 de janeiro de 2023 (início do governo) até o dia 5 de setembro de 2023 (data da pesquisa). Esta palavra foi escolhida devido a temática de nossa pesquisa e por ser a base de discursos e políticas educacionais de governos no Brasil há vários anos, quando sempre se busca por uma efetiva política de alfabetização. Será que algum dia conseguiremos?

Escrevermos as cartas-pesquisa foi um exercício que nos remeteu à Dora, personagem de Fernanda Montenegro (que deveria ter ganhado o Oscar) no filme “Central do Brasil” (Salles, 1998). Fomos

escrevedores de cartas, enquanto escribas para quem (ainda) não pode escrever, levando em nossas mãos os sentimentos de diversas pessoas. Somos tocados por histórias distantes da nossa (às vezes não tanto assim!), quando podíamos ignorar a história do menino Josué e de tantas outras crianças que não sabem ler e escrever. Mas, mesmo sem saber direito o caminho que iríamos seguir, aceitamos o desafio de trilhá-lo, pois acreditamos que seria o melhor a se fazer.

Dito tudo isso, cara comunidade, esperamos que se sinta interessada em dialogar conosco. De coração aberto e com a mente tranquila,

Vitor G. B. Hernesto.

## CARTA 2

Natal/RN, 5 de abril de 2023.

Olá, Vitor!

Tudo bem? Quais os planos para o feriado da Semana Santa? Eu vou passar esses dias aqui na casa dos meus pais, descansado um pouco, revendo amigos de longas datas e botando as leituras em dia.

Que bom ler em primeira mão a carta que você escreveu para o nosso ateliê, ver que conseguiu dar o primeiro passo em relação à escrita do seu TCC. Quer dizer, eu suspeito que seja o início, mas não sei se você já escreveu mais coisas. É isso mesmo?

Estava estranhando o teu silêncio, você não ter mais me procurado para conversarmos sobre a pesquisa. Por isso a pouco eu te mandei aquela mensagem no WhatsApp, pois estava imaginando: será que ele está precisando de ajuda e ainda não me falou?

Sua resposta me mostrou que não se passava de uma fantasia minha, pois mal terminei de enviar a mensagem e você já me retornou com a sua carta. Também fiquei surpreso com o tamanho dela, quase quatro páginas digitadas, né?! Rsrrsrsr.

Acho bem legal usar as cartas como dispositivo de pesquisa. Já pensou em fazer seu TCC assim? Lembra dos textos que estudamos no último encontro do ateliê? Essa ideia me animou a te escrever uma carta, ao invés de te dar um retorno de modo mais convencional, digamos assim. Quem sabe as cartas também não te ajudam a perder o medo de se arriscar na escrita?! ;)

No começo da carta que escreveu, você diz que, ao trazer a pesquisa à coletividade, espera desencadear conversas durante o processo. Não seria legal você comentar porque as perspectivas do coletivo e da conversa são importantes para uma pesquisa inventiva?

Ou melhor, para a sua pesquisa? Acredito que, com os estudos que já fez, tem condições de desenvolver esse argumento.

Você também traz, de início, a sua história de escolarização e de escolha profissional. Talvez você queira contá-la ao ateliê por que entrou muita gente nova, por que algumas pessoas que estão a mais tempo ainda não te conheçam, por que é a sua história mesmo. Mas será que você precisa contar tudo isso naquela carta? Ou daquela forma?

Vamos analisar juntos: se o que te mobiliza a pesquisar, atualmente, são questões relacionadas aos processos de alfabetização, por que não focar (e detalhar) essas tuas memórias? A partir disso, você poderia pedir que as pessoas, que lessem tua carta e que desejassem, te contassem também por cartas sobre as experiências de alfabetização que tiveram (ao invés de só pedir para elas lembrarem da experiência).

O que acha? Como poderíamos fazer conexões entre a tua história e as histórias do grupo? Que perguntas poderiam ser geradas daí? Como a tua questão de pesquisa poderia ser atualizada, por essas cartas e conversas? Como a tua história se cruza com a de Regina Leite Garcia e a de Nilda Alves? Como a alfabetização se relaciona com a produção de um TCC? Como a alfabetização se relaciona com a vida universitária?

Foi emocionante ler a justificativa da questão de pesquisa, a partir da sua história familiar. Ver como tal fato é significativo para você e que, até então, não tinha conseguido expressá-lo. Cada coisa no seu tempo, né?! Mas percebe como são as questões de pesquisa que nos escolhem?

Na sequência, você elenca várias perguntas que Regina Leite Garcia se fazia sobre a alfabetização. Que questões tais perguntas te mobilizam? Como elas te afetam, enquanto professor e pesquisador?

Gostaria de conhecer isso na próxima carta (sim, estou apostando que haverá uma próxima carta! E sem nenhuma pressão, viu?! Rsrrsrs).

Será que você já precisa anunciar que deseja trabalhar com os cotidianos já nessa primeira carta? Mesmo tal possibilidade estando em nosso horizonte, por que não deixar o processo de pesquisa acontecer e ver no que ele se transformará? Aí depois você escreve uma carta sobre isso e resolve esse aspecto...

Você disse que assumiu o caderno de pesquisador como dispositivo de investigação. Quando ele entrará no relato de sua pesquisa? De que forma? Já parou para pensar sobre isso? Adorei você ter pedido ao grupo algumas indicações de literatura, audiovisuais etc. É por aí mesmo...

Algumas dúvidas, em forma de questão, surgem no final da tua escrita. Vou contribuir com elas, trazendo mais questionamentos para você: como um licenciando em Ciências Biológicas pode estudar a alfabetização? Como as aulas de Ciências e Biologia podem contribuir com os processos de alfabetização? Como lidar com a imprevisibilidade das pesquisas inventivas?

É... Parece que são assuntos para outras cartas... rrsrrrs. Vou ficando por aqui.

Um abraço,

Saimonton.

EM TEMPO: Obrigado por me avisar do resultado do Prolicen! Estou bem feliz que nosso projeto foi aprovado. Agora você terá bolsa...  
rs

## CARTA 3

Areia/PB, 17 de abril de 2023.

Oi Saimonton,

Como vai? Eu vou bem, estou aproveitando a segunda que não tenho aula para ler e escrever para o TCC. Demorei bastante para lhe responder, mas não pense que eu estou desmotivado, apenas os compromissos que se amontoam, mesmo quando planejamos antecipadamente. kkkk

Realmente, como tínhamos conversado antes, começar a escrever o TCC dá uma visão muito boa de como vou fazê-lo. Testar me fez reorganizar melhor as ideias e clareá-las. Será que a alfabetização pode ser assim também? Aprender a ler e escrever enquanto lê e escreve?

Estou pensando seriamente em adotar a troca de cartas como metodologia do TCC, fiquei muito feliz quando recebi sua carta com as contribuições sobre o meu texto. Há uma grande potencialidade nisso, por meio da carta podemos falar um com o outro, mas de uma maneira mais elaborada que numa conversa (eu mesmo esqueço de lhe falar muitas coisas e só lembro quando já estou em casa) e mais pessoal do que um texto acadêmico padrão.

Vi que ainda apresento dificuldades na escrita de cartas, aquela para o ateliê mesmo, muitas vezes se transforma em um texto acadêmico. Penso que, por estar endereçando-a para muitas pessoas, eu não consigo colocar personalidade em minhas palavras. Pensando nisso será que não seria melhor eu mandar cartas para o senhor? Se algo ficar fora de contexto, para o(a) leitor(a), a gente explica nas reuniões e faz notas no texto do TCC. Lembro que o senhor, nas reuniões, sempre falava da dificuldade de orientar de maneira cartográfica, acho que achamos uma maneira bem legal para nós dois.

Achei uma boa ideia pedir cartas aos integrantes do ateliê! Poderíamos pensar em relacionar a minha história de alfabetização com a história deles, mesmo que lembrem pouca coisa. Depois que li sua carta vi que minha história tem semelhança com a história das pesquisadoras Regina Garcia e Nilda Alves, ambos observamos problemas da educação pública e tentamos pesquisá-las no ensino superior. A mesma problemática nos tocou e nos mobilizou a tentar entendê-la. A questão do analfabetismo me tocou e me escolheu! No momento que fui escrever a carta é que fui pensar em porque eu fiquei tão indignado com a situação. Aí lembrei a história de luta da minha família...

Confesso que falei sobre o caderno de pesquisa, mas eu tinha abandonado ele um pouco. Vou voltar a usá-lo como ferramenta para a produção do meu TCC, vou guardá-lo em um lugar mais acessível pois a dificuldade de ir lá no guarda-roupa e tirar ele da bolsa vem me fazendo não o usar como eu queria.

Gostaria de pedir especialmente ao senhor a indicação de algum livro de poemas, pode ser digital. Eu também vejo a escrita de poemas como uma possibilidade de escrita no TCC, junto com as cartas é claro. kkk. Até tentei escrever um poema, mas não gostei muito dele. Pensei muito aqui e vou lhe mandar, só para o senhor ler, ver se faz algum sentido e se vale apenas ir à frente. Lembrando que é só um esboço, que não tem nem título ainda. Lá vai:

#### POEMA SEM TÍTULO

Eu vejo o mundo na cidade, prédios, edifícios,

Nada tem cor e a vida passa rápido

Busco encontrar algo que me pertença, que faça parte

Qual será a beleza que as pessoas veem na arte?

Não sei ler, o que sei fazer?

Se falo não sou ouvido, se ouço não falo

Se falo me silenciam, se me silenciam fico parado

Se paro me atropelam, se me atropelam já não existo

Se não existo, onde estou?

Quero liberdade, seja lá o que signifique

Quero escrever uma carta de amor

Quero ler o mundo, ler a mim mesmo

Quero saber no fundo, a fonte do meu desejo

Como ler? Um código para decifrar?

Ou uma forma de transformar?

Quem deseja me calar?

Quem me diz como e o que posso aprender?

Quem não me deixa ver e viver?

Algo dentro de mim diz que isso não é certo

Esse algo busca saber o incerto

Quero me expressar, ser um livro aberto

É uma tristeza que me consome

Ah, veja, pelo menos sei escrever meu nome

Prazer, João, trabalhador brasileiro

Construtor dessa nação

A quem sobra, às vezes, um pedaço de pão

Ou que vive das migalhas de liberdade

daqueles que lhe devem a dignidade

Depois de tudo que eu li, vi e conversei, penso que tem três questões, que se complementam, que eu quero problematizar na minha pesquisa:

1- Como se dá o processo de alfabetização?

2- Por que ainda temos analfabetos no Brasil?

3- Como o professor de ciências/biologia pode contribuir com o processo de alfabetização?

O que acha? É isso mesmo?

Aguardando ansiosamente a resposta,

Abraço,

Vitor G. B. Hernesto.

P.S. Estou muito feliz de começar o projeto Teias, entrou um pessoal muito bom! Já tive várias ideias aqui, mas deixa isso para as reuniões do projeto. Até mais...

## CARTA 4

Natal/RN, 20-21 de abril de 2023.

Oi... Vitor!

Estou feliz em saber que o seu TCC está acontecendo. Sei que você é dedicado e responsável, por isso minha preocupação é sempre em relação à necessidade de minha ajuda. Esteja sempre à vontade para me procurar, de alguma forma, sobretudo nos momentos em que se deparar com obstáculos e bloqueios... Afinal, orientação é parceria.

É legal ter um tempo separado na semana para se dedicar ao TCC, pois como você disse “os compromissos se amontoam”. Fez bem em se organizar dessa maneira. Eu faço isso geralmente às sextas-feiras, dia em que tento fechar os olhos para as demandas burocráticas da universidade e me dedicar ao que gosto de estudar.

Que bom que fez sentido para você a conversa que tivemos em nosso último encontro presencial. Sei o quanto é difícil, no início, encarar uma folha em branco e começar a escrever. Mas, se não fazemos isso, o trabalho não surge. Talvez, parte dessa dificuldade aconteça pelo que nos ensinaram sobre escrever: que precisamos ler exaustivamente e acumular o máximo de conhecimento possível, para estarmos autorizados a dizer algo.

Ainda bem que fomos alcançados pela cartografia! Assim como o poeta espanhol Antonio Machado, que nos diz: “Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.”, ela nos alerta que devemos inverter o método: ao invés de METÁ (que segue) + HODÓS (caminho) fazermos HODÓS + METÁ (caminho que se segue). Sendo assim, arrisque... se jogue... experimente... se permita... rabisque... se atreva! Algo há de surgir, dessas tentativas... E se chamará TCC, quando você narrar o que aconteceu.

Com o processo de alfabetização deveria se dar o mesmo, segundo as pesquisas dos últimos quarenta anos: aprendermos a ler e a

escrever participando de práticas sociais nas quais a leitura e a escrita fazem parte. Mas, infelizmente, a escolarização ainda está muito presa àquela visão de ciência e de ensino do século XVII, que fragmenta o conhecimento ao descolá-lo da vida. Acredito que aqueles livros de Magda Soares (que te emprestei) tratam disso, por isso ela precisou cunhar o conceito de “letramento”.

Em nossas escolas, e ainda entre algumas pessoas que desenvolvem estudos “baseados em evidências”, há o entendimento da alfabetização como se fosse um experimento de laboratório. Nessa perspectiva, as palavras são tiradas do (con)texto e fragmentadas em amostras menores (silabas e letras), na tentativa de se ter controle sobre o que se ensina e o que se aprende. A escrita é, assim, encarada como uma mecânica linguística, com o qual codificamos e decodificamos mensagens, em processos de análise e síntese.

Desse modo, convém questionarmos: como o paradigma positivista tem desconsiderado os esforços de cientistas que também trabalham com rigor e seriedade, mas que fazem outras opções teórico-metodológicas? Quais os efeitos disso para a alfabetização das crianças de escolas públicas de nosso país? São questões para nos debruçarmos... E por que não fazermos essa conversa por meio de cartas? Já pensou em escrever para as professoras da escola estadual, contando de sua pesquisa?

Falando na escola, não ando esquecido de marcarmos nossa ida lá. Acontece que houve, nos últimos dias, a troca de diretora e eu só soube essa semana quem é a pessoa que agora ocupa o cargo. Ela se chama R. e já foi diretora de lá anteriormente. Você a conhece? Vou combinar um horário com ela, para ir à escola me apresentar e, na oportunidade, falo sobre sua pesquisa. Também acho que com as informações que já temos é possível cadastrarmos seu projeto de pesquisa na Plataforma Brasil e oficializarmos o seu interesse investigativo no Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos. Isso é

chato e burocrático, mas importante para a publicação do trabalho em periódicos.

Já que as cartas facilitam a sua comunicação, escreva-me quando quiser. Mas se for pedir que as pessoas do ateliê te escrevam cartas, contando sobre como foram alfabetizadas, penso que a carta deveria ser endereçada a elas próprias. Será que as pessoas de nosso grupo ficariam à vontade em te escrever, quando o pedido foi feito numa carta remetida a mim?

Outra coisa: lembra que M. e J. são pedagogas e professoras da Educação Básica? Que tal escrever para elas, perguntando sobre como entendem a alfabetização de crianças? Inclusive, nossa viagem de campo, de segunda-feira que vem, será para o Núcleo de Educação da Infância (NEI), colégio de aplicação da UFRN. É onde elas duas trabalham e essa escola é referência em boas práticas pedagógicas, de maneira geral. Aproveite para conversar, durante a visita, com as crianças e as professoras alfabetizadoras de lá.

Fiquei pensando agora: se elas duas toparem trocar cartas contigo, talvez não seja nem necessário irmos à escola. Seu TCC pode ser construído na troca de cartas comigo e com elas. O que acha da ideia? Fica ruim para você não fazer a pesquisa na escola? Estou propondo essa ideia também porque tenho encontrado dificuldade para combinar um horário de encontro com as professoras da escola estadual. Como elas têm outros vínculos trabalhistas, é complicado conseguir um horário comum e pedir que elas participem, pois não são remuneradas nesses momentos e competimos com as outras demandas de vida que elas têm.

Que legal essa conexão que você fez, de sua história com as histórias de vida de Regina e Nilda. Já pensou em escrever cartas para elas? Regina já partiu, não teria como te responder, mesmo assim penso que seria um texto interessante, pois te ajudaria a ter outras sacadas. Nilda ainda é viva e bastante atuante, dá para localizarmos o *e-mail* dela na internet. Já pensou se ela te responde? Seria massa!!!

Está vendo, já apareceu aqui mais duas intercessoras para o teu TCC. Só está crescendo a lista de participantes... rs.

Quanto ao caderno de pesquisa, veja se ainda vale a pena continuar utilizando-o. Foi uma tentativa que fizemos, pois poderia ser um dispositivo interessante para a sua pesquisa. Mas esteja atento ao que o percurso investigativo está te mostrando, te dizendo, o que você tem sentido e o que, de tudo isso, faz sentido para você e para a pesquisa. É aquela história da corporificação e da afetabilidade, que o texto de Laura Pozzana nos falava.

Não sabia que você era poeta... Gostei bastante do poema, sem título ainda, que você compartilhou. Tenho uma sugestão de nome para ele: "Prazer, João!" Estou adorando a nossa troca de cartas, pois tenho descoberto muitas coisas boas sobre você. Isso, com certeza, facilitará o processo de orientação, pois terei pistas de possibilidades de trabalho. Parece que nas cartas você fica mais à vontade para conversar, né?!

Não me ocorre, nesse exato momento, nenhum livro de poesias para te indicar. Mas vou dar uma olhada na minha biblioteca e em breve te dou alguma dica sobre isso. No entanto, ao ler o teu poema, fiz conexão direta com os livros "Diário de uma favelada" e "Quarto de despejo", de Carolina Maria de Jesus. Você já conhece a história dela? Se cruza com a de João, do seu poema.

Tem a obra de Lygia Bojunga, considerada autora de literatura infanto-juvenil, mas que me toca muito enquanto adulto. Tenho alguns exemplares, se desejar posso te emprestar. Ou talvez você até encontre algo digitalizado na internet, vale a pena procurar. Caso ache-os, compartilhe os arquivos comigo, pois gostaria de utilizar esse material nos processos formativos em que estou envolvido.

Na reunião que tivemos, sobre o Projeto Teias, eu comentei rapidamente contigo que tinha uma indicação de obra literária para você e eu agora me lembrei que ainda não te enviei. Farei isso, junto com o envio desta carta, pois eu consegui o arquivo em PDF. Trata-se

do livro “O olho de vidro de meu avô”, de Bartolomeu Campos de Queirós, outro autor de literatura infanto-juvenil. Percebo que tais intercessores me acompanham, talvez para me lembrar que não devo deixar minha criança morrer. A (minha) cartografia também depende disso...

A ideia de trabalhar com mais de um gênero textual no TCC me remete à tese de doutorado de J. Olha ela aparecendo na cena novamente... O trabalho reúne uma diversidade de textos, que ela foi produzindo ao longo de seu processo de doutoramento. Achei o trabalho dela na internet e já tinha comentado, no Ateliê, que gostaria que um dia ela nos apresentasse essa produção. Talvez tenha chegado o momento oportuno para isso... Vou te mandar o arquivo, para você não ficar na curiosidade! ;)

Tá vendo como ler, conversar, pensar, dialogar, trocar... (e tantos outros verbos que poderia listar aqui) nos levam a fazer outras/novas/diferentes perguntas? Por isso que defendo a cartografia como percurso, pois sua abertura metodológica nos permite conhecer possibilidades que, numa abordagem mais fechada e prescritiva, não consideraríamos. Vá registrando as perguntas que for inventando, sem a preocupação de ter que respondê-las na sua pesquisa. Uma pesquisa não dá conta de tudo e nem precisamos ter a obrigação de responder a todas as perguntas que (nos) fazemos.

As perguntas também costumam mudar, ser reinventadas ou até mesmo recolocadas, no caminho. Lembra do trecho do poema que citei no início desta carta? Observar essas mudanças podem nos dar pistas interessantes para a pesquisa cartográfica. Pode ser um elemento importante para o mapa que estamos construindo, por isso, como diz a canção de Gal Costa “é preciso estar atento e forte”.

Sobre o Projeto Teias, fico feliz de saber de sua empolgação em participar, de sua identificação com as novas bolsistas e que já está cheio de ideias. Anote-as e leve-as para a nossa próxima reunião. Minha hipótese é a de que esse projeto e o Ateliê se confundam, pois o

primeiro tratará de escrita e leitura na escola e na universidade, o segundo, de processos de pesquisa, na universidade e na escola.

Falando em leitura e escrita, parece que seu projeto de pesquisa me fez reencontrar com o início de minha trajetória profissional: de professor alfabetizador, enquanto bolsista de graduação no NEI, e como pesquisador, ainda na graduação e como bolsista de iniciação científica. Naquela época, preocupa-me com as dificuldades de alfabetização de crianças, sobretudo daquelas que tinham alguma deficiência, e hoje me ocupo das dificuldades de escrita (e de leitura) de estudantes de graduação. Sem perceber isso, acabei propondo o Projeto Teias... Essa você não sabia! Rsrrsrsr. Mas isso é assunto para outra carta, não é mesmo?!

Fico por aqui... Um abraço e excelente feriado para você e sua família.

Saimonton.

## CARTA 5

Areia/PB, 15-16 de maio de 2023.

Olá, Saimonton!

Tudo bem? Eu estou bem, apesar de, em semanas recentes, ter pegado aquela famosa virose que todo mundo está tendo. Mas já me recuperei... kkk. Venho lhe escrever, depois de muito tempo, para responder as questões feitas na sua última carta e falar um pouco sobre a minha leitura dos livros físicos que o senhor me emprestou.

Percebi novamente que estava lendo e pensando daquela maneira representativa que nós falávamos. Estava tentando ler todos os livros antes de lhe enviar a carta e agora percebi que seria muita coisa para só uma carta kkk. Agora que tomei consciência desse ato meu e fiquei pensando na dificuldade que temos em mudar um hábito nosso, já relacionei isso com a dificuldade daquelas professoras do meu estágio II, de mudarem suas atitudes em relação às crianças. Mudar realmente é um desafio e temos que ter bastante reflexões e nos autoavaliar constantemente, senão continuaremos reproduzindo a ideologia dominante sem nem percebermos.

A ciência positivista é por vezes considerada como a única maneira de fazer ciência, por isso muitas vezes os(as) pesquisadores(as) que buscam alternativas teórico-metodológicas outras não têm seu trabalho levado a sério. A gente vê essa desvalorização na própria universidade, onde as pesquisas em educação muitas vezes não são consideradas como ciência, assim como ocorre em toda a área de humanas.

Que bom que você gostou do meu poema, me arrisquei a fazê-lo depois de ver o filme que você me indicou: "O carteiro e o poeta", dirigido por Massimo Troisi e Michel Radford. O filme me fez sentir que todos somos capazes de fazer uma poesia, pois antes de assisti-lo

me sentia como o carteiro Mário – que não entendia as poesias e as metáforas (no caso dele eram as poesias de Pablo Neruda), além de não se achar capaz de produzir uma poesia.

Depois de conquistar sua esposa usando uma poesia de Neruda, Mário fala uma frase que, para mim, define a mensagem do filme: ao ser criticado por usar aquela poesia, que não era de sua autoria, ele responde: “A poesia não pertence a quem escreve, mas àqueles que precisam dela”. Com a partida de Neruda, ele resolveu atender a um pedido do amigo e dizer algo belo sobre sua ilha; mas o triste é que essa poesia nunca foi lida. Tem muita beleza nesse filme e, realmente, mudou minha forma de ver a poesia.

Pelo que li, vi e escrevi, até agora, vejo que a escrita de cartas seja a forma de fazer meu TCC, mesmo que de início eu pensasse que seria necessário ir às escolas para estudar como ocorre o processo de alfabetização. Mas, devido aos trâmites burocráticos e a dificuldade de falar com as professoras, vejo que essa ida se torna inviável. Acho que podemos fazer um bom trabalho com o que temos, pois ir poucas vezes para observar os(as) alunos(as) e/ou participar de algumas poucas reuniões com as professoras talvez não traga o que buscamos. Isso porque vejo que estudar o cotidiano tem que ser um ato mais contínuo e longo, para cultivar o máximo de conhecimento sobre a temática.

Mas não pense que eu fico triste com isso! Como aprendemos com a cartografia, a pesquisa vai nos mostrando seu caminho enquanto caminhamos. Já mudei tanto minha ideia inicial da alfabetização, desde o início das leituras, que nem me vejo a mesma pessoa. A vida é assim...

Gostei muito da ideia de trocar cartas com as professoras J. e M.! Já as conhecia das reuniões do ateliê e, agora que eu visitei o encantador lugar onde elas trabalham, fico muito mais animado para

conversar com elas. Eu até comentei com os(as) colegas que o NEI ficou para mim como uma referência de como ter uma escola pública de qualidade, saímos de lá encantados e com o desejo de que todas as escolas públicas se tornem assim. A liberdade, a democracia, a afetividade, a responsabilidade, o respeito, a organização e outras qualidades que vi, no pouco tempo que fiquei lá, é algo que me faz acreditar que há um jeito para a escola. Temos como educar nosso povo, fugindo de práticas autoritárias e regulatórias. Já estou esboçando um pouco de como vou falar com elas nas cartas rs.

Uma coisa que vem me inquietando, desde o início da minha pesquisa, é a seguinte questão: como o(a) estudante de licenciatura em ciências biológicas pode contribuir para o processo de alfabetização? Só que agora já estava pensando em outra: como conhecer sobre o processo de alfabetização pode contribuir para as aulas de ciências/biologia? Porque é evidente que temos um problema na sociedade brasileira atual, que é a dificuldade que as pessoas têm de usar a língua escrita para as práticas sociais (letramento). Pensar em como construir atividades para desenvolver o letramento no ensino de ciências pode ser uma boa? Poderia ser o material final do TCC?

Mudando de assunto, vou falar um pouquinho sobre as minhas leituras. Nessa carta vou me deter ao livro “Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio”, organizado por Regina Leite Garcia.

Uma problemática que Regina Garcia sempre denunciou foi a produção do analfabetismo pela sociedade brasileira, que mantém privilégios e culpa os próprios analfabetos. Na maioria das vezes pessoas das classes populares, que enfrentam várias barreiras tanto para a entrada quanto para a permanência na escola. São os(as) alunos(as) que, como dizia Paulo Freire, não se evadem da escola, mas são expulsos. Isso coaduna com a situação que encontramos na escola pública daqui de Areia: estudantes mais pobres se deparando com uma

escola que não é receptiva para eles(as), como se fossem “corpos estranhos” nesse lugar.

É importante sabermos que nos apropriamos da linguagem desde que somos bebês, pois em nossas primeiras socializações já estamos desenvolvendo a linguagem. Já a aprendizagem da língua formal é um processo sistematizado, quando nos alfabetizamos nas escolas. Então, há um papel da socialização, desde o início, e depois um processo formal, de alfabetização.

Na maneira tradicional de alfabetizar vemos a escola como um espaço de regulação, onde se fragmenta os conhecimentos e julga-se os erros. As crianças são levadas a serem copistas e, muitas vezes, não aprendem a ler. A ideia, que vem com as crianças, de escrita como uma função social fica subordinada à escrita ortográfica, pois os(as) alunos(as) escrevem apenas o que o(a) professor(a) e as cartilhas querem que eles(as) escrevam. Lembrei aqui dos vários textos cansativos que os(as) alunos(as) tinham que copiar enquanto podiam estar desenhando, escrevendo cartas, diários etc. O que realmente vai ser mais significativo para eles(as)? Como eles poderão aplicar esses conhecimentos na vida cotidiana?

É importante também pensarmos em como criar um ambiente alfabetizador nas escolas, isso porque o espaço escolar, devido sua infraestrutura e o modo como ocorrem as relações, tem sido bastante inóspito para as crianças. Lembro de estagiar numa sala escura, com pouca ventilação, com estruturas em estado de decadência. Além disso, o autoritarismo rondando as ações dos(as) alunos(as), fazendo com que cada vez mais se moldem a esse espaço, senão receberão reclamações e notas baixas.

Lembra de outra coisa que eu tinha comentado durante as discussões do estágio supervisionado II, quando eu me questionava sobre as atividades passadas pela professora? Em um dos artigos do

livro, intitulado “Avaliação: momento de discussão da prática pedagógica”, Maria Teresa Esteban problematiza que ao invés das crianças mostrarem seus conhecimentos sobre a língua, por meio de atividades de reescrita, é pedido a elas que completem as lacunas de um texto de referência.

Atividades como essa última informam que o ato de acertar é mais importante do que o ato de conhecer e, com isso, as crianças (inteligentes que são) aprendem os mecanismos de acertar questões e nem sequer sabem o que estão respondendo. Além de se afastarem bastante da realidade, essas atividades servem para separar e classificar os(as) alunos(as) e não para que o(a) professor(a) entenda o que a turma sabe e como foi a construção desse conhecimento.

É necessário mudar isso, não só na alfabetização, mas em toda a educação básica. Temos que fazer com que as crianças tenham a liberdade de aprender errando, para que vejam o sentido do que elas estão fazendo. Assim, poderão compreender que para ler e escrever é preciso aprender a interagir com o mundo, ser autores(as) de seus próprios textos e sujeitos da aprendizagem. E, para pensar nisso no contexto das classes populares, é necessário fazermos algumas reflexões: quais os sentidos de ler e escrever, quando se habita a periferia? Quais as relações que esses(as) alunos(as) têm com a língua escrita? Como alfabetizá-los(as)?

Eita que essa carta ficou bastante longa! Ainda virão outras, mas por enquanto não vou lhe encher mais. Abraço!

Vitor G. B. Hernesto.

## CARTA 6

Remígio/PB, 20 de maio de 2023.

Querido Vitor,

Que bom que você se recuperou! Agora entendo por que não recebi sua carta na segunda-feira, como de costume (me lembrei de uma cena de “o carteiro e o poeta”). Estou fugindo dessa virose, morrendo de medo de ser encontrado por ela (rs). Com o fim do semestre e a mudança de cidade, adoecer nesse momento seria desesperador para mim. Muitas coisas para dar conta, o tempo parece encolher.

Talvez tenhamos que lutar, a vida inteira, contra as armadilhas da política cognitiva da representação (como gosta de nomear Virgínia Kastrup). As marcas de nossa história, da nossa formação, ficam fortemente registradas em nós. Por isso, Merleau-Ponty – um filósofo do corpo – nos diz que as nossas vivências ficam marcadas em nós como se fossem tatuagens. Inclusive nossa memória muscular reflete isso, na postura que assumimos ao encarar a vida.

Sendo assim, entendo que a nossa corporeidade (e não somente nossa memória) é afetada pelo que aprendemos. Não é à toa que as escolas se preocupem tanto com o controle dos corpos. Já prestou atenção no formato das carteiras escolares? São instrumentos auxiliares de contenção corporal, que se somam às regras e às estratégias pedagógicas, visando formar “o homem de bem”. Com certeza, os efeitos dessa política de vigilância e punição afetam os processos de alfabetização.

Não se preocupe em me responder ou responder completamente ao que te escrevo nas cartas. Veja o que faz sentido para você e os efeitos disso, na realização da tua pesquisa e para a tua constituição enquanto pesquisador na área de ensino. É disso que se trata! Vamos encarar a nossa troca de cartas como um dispositivo que nos afeta e, que através de tais afecções, potencializam nossa agência.

Tal postura tem sido um aprendizado para mim também, pois o orientador autoritário e regulador que há em mim às vezes esperneia. Como a gente não estuda sobre como orientar – nem na graduação e nem na pós – vamos nos formando nas tentativas de orientar. Nisso, recorreremos muitas vezes às experiências de orientação que tivemos. Hoje busco possibilidades no que eu gostaria que tivesse sido, para não repetir situações de abandono, sofrimento e desgaste a que fui submetido, em meus percursos.

Mas não tenho só histórias tristes para te contar. O filme “o carteiro e o poeta”, por exemplo, eu assisti numa das aulas que tive na graduação, quando cursava a disciplina “literatura infantil”, no curso de Pedagogia da UFRN. É um filme que me afeta até hoje, por isso te indiquei. Assim como aconteceu com você, fico imaginando que muitas crianças em processo de alfabetização se sintam como o carteiro: não conseguem escrever e encontrar sentido na forma como a escrita é apresentada/vivenciada nas práticas escolares.

Pelas cartas que trocamos, penso que você já tem material para produzir, pelo menos, um capítulo do seu TCC. Alguns campos de força que constituem o plano comum da tua pesquisa já apontaram, agora é identificá-los e potencializá-los. Esse capítulo pode ser uma carta também, sobre as cartas que escreveu e recebeu. A quem você irá remetê-la? Já pensou em ler a poesia de Pablo Neruda e, a partir dela, ir construir *links* com a sua pesquisa?

Uma possibilidade de iniciar a troca de cartas com M. e J. pode ser uma conversa sobre as suas impressões da visita ao NEI e o que isso te diz sobre a alfabetização de crianças. Sugiro que faça isso o quanto antes, pois elas são bem ocupadas e, por isso, as respostas às suas cartas podem demorar. Mesmo parecendo que ainda temos bastante tempo, pois você só defenderá seu TCC no fim do ano, quando menos esperar esse dia chegará.

A inquietação com as perguntas iniciais da pesquisa vai permanecer contigo, mas isso é um bom sinal. Elas vão se atualizando

e com a pesquisa algumas possibilidades de resposta são construídas. Outras ficarão em aberto e novas perguntas fluirão. Por isso que é importante descrever o processo cartográfico, para que um mapa surja, mas continue em aberto.

Por que os prédios escolares têm salas escuras, sem ventilação e sem reformas? Por que as escolas têm prédios feios e insalubres? Que mensagens essa ecologia nos traz? O que essa arquitetura pode nos mostrar? O que se ensina enquanto se tenta alfabetizar? Como o ambiente escolar interfere no ambiente alfabetizador? Por essas perguntas, parece-me que a ambientação escolar se constitui como um vetor de sua pesquisa.

Com a alegria de ler mais uma carta sua e a satisfação de ver uma pesquisa e um pesquisador se constituindo, me despeço.

Abraço,

Saimonton.

## CARTA 7

Areia/PB, 01 de junho de 2023.

Querido Saimonton,

Tudo bem? Sei que você deve estar bem atarefado nesse fim de período e cuidando da mudança. Escrevo essa carta depois de um certo tempo, demorei mais do que queria; mas é como falei no poema que eu escrevi para a atividade do Ateliê, “o atropelo da realidade”: chegando o fim de período as coisas ficam malucas, é prova, é seminário, é atividade, tudo ao mesmo tempo. Enfim, já perto do fim do curso me sinto acostumado com essa situação, mesmo que não goste de demorar tanto para responder sua carta.

Fico feliz que a pesquisa esteja andando, tanto que eu já poderia escrever esse primeiro capítulo enquanto espero as respostas às minhas cartas (que ainda vou escrever kk). O que acha? Estou gostando bastante da ideia de juntar várias formas de escrita, das mais diversas fontes que eu possa buscar no meu TCC. Vou ler alguns livros de poema, de Neruda, (especialmente o que ele fez e dedicou aos seus colegas de luta chilenos) e buscar conexões com a minha pesquisa. Já busquei aqui e o título do livro é “Canto Geral”. Além disso vou começar a escrever a carta para J. e M., tenho muito o que falar sobre o NEI, aprendi muita coisa em um dia.

Até que, enfim, consegui ler todos os livros que você me indicou, mesmo eu nunca me sentindo pressionado para terminar logo. Eu mesmo me pressionei, porque já faz bastante tempo que eu estou com eles kkk. Inclusive vamos marcar uma reunião para eu devolvê-los e conversarmos pessoalmente?

Mas antes dos livros físicos, quero comentar rapidamente sobre o livro digital “O olho de vidro do meu avô”, de Bartolomeu Campos de Queirós. Que escrita linda tem esse livro, eu mesmo o li tão

rapidamente que fiquei me perguntando se não tinha mais kkk. A maneira como o autor descreve o olho de vidro do avô dele é mágica, cheia de imaginação, afetividade, criatividade e por aí vai... Fiquei pensando em como enxergar o mundo com esse olhar de magia, em criar mundos, ver o que ninguém vê (olha a cartografia aí de novo).

A maneira como ele parte do olho de vidro do avô para falar sobre sua vida, sua família, sua afetividade e seus sonhos é muito linda, tem muito sentimento! Mesmo que na realidade o avô nem falasse tanto, ele criou um mundo mágico de afeto e esperança. Mesmo sabendo que o autor é um adulto, senti como se estivesse escutando uma criança contando a história. Talvez o autor tenha libertado sua criança interior, no momento da escrita. Muito obrigado pela indicação, se tiver mais livros profundos assim me indique, que serei muito grato.

Penso que os livros da Magda Soares me ajudaram bastante a ter um embasamento teórico sobre o que é alfabetização e, principalmente, sobre o que é letramento, que eu não lembro de ter estudado sobre esse tema. A alfabetização tem muitas facetas: como processo de aquisição da língua exige entender a relação entre grafemas e fonemas, a expressão entre fonemas e grafemas e o aspecto social. Todas são perspectivas importantes, estudadas por diversas áreas como psicologia, sociolinguística, linguística, dentre outras. Mas, muitas vezes, a perspectiva usada nas escolas é apenas a da psicologia, o que me lembra quando falamos que as pesquisas cartesianas são levadas muito mais a sério que as outras formas de pesquisar. Por que será?

A alfabetização é a aquisição do sistema convencional de escrita, ou seja, o aprendizado de uma técnica que os permite entender como é o código da língua padrão. Já o letramento é o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita, ou seja, é o uso da linguagem oral e escrita em práticas sociais, específicas de cada cultura.

Foi sobre isso que pensei, quando encontrei os(as) alunos(as) que não sabiam ler e escrever. Muito mais do que a estadia na escola, pensei: como não ser alfabetizados(as) iria influenciar a vida daquelas crianças? Conseguiriam participar plenamente das práticas sociais? Como a escola está criando analfabetos(as)? Por quê? Para quê? Percebi, após as leituras, que estava muito preocupado com o letramento deles(as).

Por causa do amplo fracasso de nosso país em alfabetizar, há a necessidade de problematizarmos como as políticas educacionais estão influenciando esse contexto. Porém, aí está o problema: primeiro eram realizados censos, que consideravam que quem soubesse escrever o próprio nome era alfabetizado(a); agora é perguntado se a pessoa consegue ler e escrever um bilhete curto. São perspectivas bem restritas, de um processo que é complexo e contínuo. Quais problemas podemos ter, ao interpretarmos os resultados de (an)alfabetismo considerando apenas esses aspectos? Será que essas formas de pesquisa estão nos auxiliando a acharmos possibilidades de encararmos o problema?

A conquista do direito à escolarização, pelas classes populares, trouxe uma diferença enorme entre suas culturas e a cultura da escola, que é predominantemente relacionada às classes dominantes. Nesse caso, estudantes das classes populares mais desaprendem do que aprendem as regras discursivas da produção de textos, porque em seus cotidianos não estão acostumados(as), nem são aconselhadas(as), de que a escola tem regras, que busca formas mais artificiais de aprendizado do que realmente o aprendizado direcionado ao cotidiano.

Com isso, as crianças dão funções diferentes para a escrita, como foi mostrado em um dos capítulos do livro “Alfabetização e Letramento” de Magda Soares, intitulado “Alfabetização: a(des)aprendizagem das funções da escrita” que estudantes de classe média alta usam a função representativa da língua e os(as) de classes

populares a função reguladora. Observei o mesmo no meu estágio, onde os(as) alunos(as) queriam falar do que assistiam, do que viviam, mas a aula era apenas a cópia de um texto sem sentido.

É estranho pensar isso, mas a escola faz os(as) alunos(as) desaprenderem as formas de um texto real. Faz com que as crianças não consigam ver a leitura e a escrita como forma de expressão, sendo, para elas, uma forma de repressão.

Agora falando de política, tem duas propostas de alfabetização baseadas nas dimensões do aprendizado: a dimensão liberal e a revolucionária. Na liberal temos o letramento do ponto de vista funcional, com o desenvolvimento de competências e habilidades como uma ferramenta para se adequar à sociedade, ou seja, para poder agir conforme a demanda do mercado de trabalho. Na perspectiva revolucionária, em que Paulo Freire é um de seus principais defensores, o letramento tem a função de tomada de consciência da sociedade. Não uma consciência inerte, que aceita tudo que foi posto, mas uma consciência com vistas à transformação da sociedade. Mais que isso, a dimensão revolucionária põe em dúvida a natureza intrinsecamente boa da alfabetização, sabendo que ela pode ser usada como ferramenta de alienação. É nessa perspectiva revolucionária que acredito!

Para finalizar, Magda Soares traz uma ideia que discutimos antes: os efeitos produzidos para a pessoa analfabeta. Ela não pode exercer plenamente seus direitos, é marginalizada pela sociedade, trabalha em subempregos ou ocupações precarizadas e não tem acesso aos bens culturais.

Depois de dito tudo isso (realmente minhas cartas são longas kkk), acho que já posso esboçar um primeiro capítulo falando em como eu me interessei pela alfabetização e o que aprendi com os livros, artigos e filmes. Primeiramente vou fazer as cartas para M. e J., o

mais rápido possível, e vou lhe mandar para contribuir comigo. Ao mesmo tempo, vou ler alguns poemas de Pablo Neruda e buscar conexões com a pesquisa. Enfim, tenho muita coisa para fazer!

De minha parte é isso! Espero ter a oportunidade de nos encontrarmos ainda nesse fim de período. Estou gostando muito de trabalhar com você, muito obrigado!!!

Vitor G. B. Hernesto.

## CARTA 8

Natal/RN, 4-5 de junho de 2023.

Bom dia, Vitor!

Já passou da meia-noite de domingo para segunda-feira, mas esse foi o tempo que encontrei para responder a sua última carta. Comecei a fazer a minha mudança na quinta-feira e tem sido muito estresse, trabalho, providências e gastos. E, você, muito aperreado com o fim do semestre?

Também gostaria de encontrar pessoalmente contigo antes do fim das aulas, mas ainda não sei se será possível. Além da mudança, tenho os relatórios de estágio para ler e corrigir, então ficará complicado me deslocar para Areia. Caso isso não seja possível sugiro um encontro remoto, apesar de saber que você não gosta tanto.

Cada vez fico mais feliz com as cartas que me envia. Percebo sua animação com a pesquisa e a mudança em sua escrita. Está mais livre, solta, viva! Que bom, não é?! Afinal, escrever tem sido um drama na universidade. Por isso começarei em breve, se tudo der certo, a fazer um pós-doutorado sobre escritas acadêmicas inventivas. Quero ampliar e sistematizar o que temos experimentado em nosso Ateliê.

Separei uns livros de literatura para te emprestar e recomendar a leitura destes no recesso acadêmico. São de Lygia Bojunga, uma autora brasileira que escreve para crianças e jovens, mas que também alcança adultos. Acho que podem te ajudar nesse processo de descobrir o seu estilo de escrita, além de contribuir para a vida. Caso não nos vejamos agora, pensarei numa forma desse material chegar até você. Ah... Vou levar outro livro de Bartolomeu Campos de Queirós também, viu?!

Falando nele e no livro “O olho de vidro de meu avô”, fiquei pensando: como enxergarmos as crianças e seus processos de alfabetização e letramento, a partir da metáfora do olho de vidro? (N)O que esse recurso nos ajudaria a (des)ver?

Não sei se você viu que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) divulgou, nesta semana que acabou, os primeiros resultados de uma pesquisa que estão fazendo sobre a alfabetização (Pesquisa “Alfabetiza Brasil”). A ideia deles é elaborar um conceito do que seria uma criança alfabetizada e, a partir disso, validar instrumentos de avaliação em larga escala. Ouviram mais de 300 professoras de capitais e do interior e, em seguida, especialistas das universidades, para produzir os primeiros dados e instrumentos. Seria interessante você acompanhar essa discussão, no *Twitter*, no *Youtube* e em portais de notícias, que é onde as informações estão pipocando.

Peço ainda que consulte as orientações de elaboração de TCC, no *site* da Biblioteca Setorial do CCA, e vá imaginando como ficará o seu trabalho dentro de tais normativas. Junte tudo o que produziu até agora, tanto para o Ateliê quanto para o TCC, que será o ponto de partida para inventarmos o que falta. Esta será uma das pautas de nossa reunião, certinho?!

Seu compromisso e trabalho constantes estão contribuindo para que a pesquisa fique linda! Já já estará escrita e pronta para a defesa. Se continuar assim, será questão de meses. aguardo as cartas que você escreverá para M. e J., além das que serão enviadas a mim (claro!!!).

Um abraço e boa semana para você! A gente segue se falando...

Com carinho,

Saimonton.

## CARTA 9

Areia/PB, 12 de junho de 2023.

Oi, Saimonton!

Boa noite... Desculpe a demora em lhe responder, mas final de período é complicado, o senhor sabe! Já imagino como está sendo para você levar isso junto com a mudança, espero que já tenha conseguido terminar tudo kkk.

Fico muito feliz com as indicações de livros, mesmo que não consigamos nos encontrar pessoalmente agora. Você pode me dizer qual dos livros é o indicado, porque já achei vários da Lygia Bojunga aqui em pdf. Desde a pandemia que eu me acostumei a ler livros em pdf e até que gosto, mas não é como no livro físico né? Enfim, de qualquer maneira, não ficarei sem trabalho para esse pequeno recesso.

Gostei bastante da pesquisa “Alfabetiza Brasil”, confesso que não tinha ouvido falar dela antes da sua carta. Inclusive, em minhas buscas, vi poucas pessoas comentando sobre o assunto. O que eu gostei foi que escutaram primeiro as professoras alfabetizadoras (251) para depois definir quais as habilidades de um(a) aluno(a) alfabetizado, dando importância para quem está todo o dia no chão da escola.

Na pesquisa, chegaram à conclusão de que os(as) alunos(as) alfabetizados(as) são aqueles(as) que, ao final do 2ºano,

Leem pequenos textos, formados por períodos curtos e localizam informações na superfície textual. Produzem inferências básicas com base na articulação entre texto verbal e não verbal, como em tirinhas e histórias em quadrinhos. Escrevem, ainda, com desvios ortográficos, textos que circulam na vida cotidiana para fins de uma comunicação simples: convidar, lembrar algo, por exemplo. (Brasil, 2023c)

Lendo esse trecho eu me lembro diretamente dos textos da Magda Soares, quando ela escreve que o Brasil, como um país em desenvolvimento, ainda tem baixas expectativas em relação ao letramento. Visa ainda a alfabetização em um sentido restrito, de aprender o código escrito. Foi uma sensação muito boa ler a pesquisa do governo e perceber que existem expectativas mais ambiciosas em relação aos(às) alunos(a), abarcando as práticas da leitura e da escrita em suas vidas.

Como disse antes, encontrei pouca repercussão sobre essa pesquisa. O que vi foi uma reportagem com o professor Emerson de Pietri, da USP, em que ele elogia a maneira como a pesquisa foi feita, partindo das diferentes realidades e com as professoras alfabetizadoras. Mas, ele também aponta que pesquisas em larga escala podem servir mais como forma de classificação de escolas do que como ferramenta para a elaboração de políticas públicas.

Outro fato interessante, apontado por ele, é que as habilidades necessárias a um(a) aluno(a) alfabetizado(a), trazido pela pesquisa, são diferentes das habilidades que estão na BNCC. Tal constatação nos mostra a distância entre esse documento e a educação brasileira, o que não é nenhuma novidade. Ademais, vi que as professoras e as secretarias de educação se sentiram importantes por terem suas vozes ouvidas, de acordo com os comentários da *live* que apresentou os resultados da pesquisa à sociedade.

Buscando outras informações sobre essa pesquisa, vi que saiu hoje o Compromisso Nacional “Criança Alfabetizada”, que visa a colaboração entre estados, municípios e a união para cumprir a meta do Plano Nacional de Educação. Serão destinados mais de 2 bilhões de reais em 4 anos, visando operacionalizar cinco eixos: gestão e governança, formação, infraestrutura física e pedagógica, reconhecimento de boas práticas e sistema de avaliação.

Gostei que a proposta é bem ampla e colaborativa, além de prever uma complementação para que estudantes do 3º ao 5º anos possam consolidar a alfabetização. Senti falta de um programa para aqueles(as) que não conseguiram se alfabetizar “na idade adequada”. Serão esquecidos(as)? Seria interessante pensar no letramento de alunos(as) do fundamental 2 ou do próprio ensino médio?

Eu iria lhe escrever só depois de enviar as cartas para M. e J., mas vi que seria muito tempo sem lhe responder. Então, vou terminando aqui com menos texto do que nas outras cartas e já pensando nas leituras do recesso. Um abraço!!!

Vitor G. B. Hernesto.

P. S.: Já comecei a ver os *templates* de TCC da biblioteca e vou começar a escrever por cima deles kkk. Até mais!

## CARTA 10

João Pessoa/PB, 6 de julho de 2023.

Querido Vitor,

Minha mudança é uma coisa sem fim! Trouxe as coisas para a nova moradia, mas em seguida precisei viajar para um projeto de extensão em Carnaúba dos Dantas, interior do RN. Nesse mesmo período, ainda dividi meu tempo com a leitura e a correção dos relatórios de estágio, devido ao fim do semestre. Voltei, mas já vou viajar para a Bienal Latino-americana e Caribenha sobre Infâncias, na Colômbia, além de começar o semestre. Tenho fé que, um dia, terminarei esse longo processo...

Que bom que achou os livros de Lygia Bojunga na internet. Você pode me passar os arquivos? Leia tudo o que conseguir dela, pois são livros lindos! Recomendo a obra de Bartolomeu Campos de Queirós também pois, como a de Lygia, pode te ajudar a desenvolver o teu estilo de escrita. Talvez o livro “Torto Arado”, de Itamar Vieira Júnior, seja uma referência interessante para você problematizar a sua história familiar.

Falando em história familiar, sugiro que comente, em alguma de suas cartas-capítulo, sobre a pesquisa “Alfabetiza Brasil” e sobre o “Compromisso Nacional Criança Alfabetizada”. É legal acompanhar, na mídia, os desdobramentos das duas ações, pois ajuda a compor a sua cartografia. Veja que perguntas o acesso a tais informações te ajuda a inventar.

Gostei muito das cartas que escreveu para J. e M., estou na expectativa para a resposta delas. Acho que vem coisa boa por aí... Me mantenha atualizado, por favor, sobre as respostas delas.

Por enquanto é isso! Tentarei não demorar tanto a te responder, numa próxima vez.

Um abraço,

Saimonton.

EM TEMPO: Sem querer te pressionar, mas já te pressionando: quando lerei a primeira carta-capítulo? Kkkkkk.

## CARTA 11

Areia/PB, 19 de julho de 2023.

Querido Saimonton,

Como vai? No momento estou tentando ver escolas para começar o meu estágio, está bem difícil pois a maioria delas já têm muita gente. Mas vai dar certo! Estou aguardando a resposta de uma professora da ECIT, para ver se dará certo lá.

Envio, junto com essa carta, vários arquivos com os livros de Lygia Bojunga que encontrei na internet. Já li o primeiro, “A bolsa amarela”. Gostei bastante da maneira leve que ela escreve e porque parte da imaginação de uma criança, para discutir assuntos complexos. Fiquei refletindo bastante sobre o “pensamento costurado”, do galo Terrível! Vejo muitas pessoas que são assim, com uma ideia tão forte que não dá para ver o mundo a sua volta. O pensamento fica preso e são incapazes de viver várias histórias, por não olharem para o lado.

Eu também tinha pensado em falar sobre a pesquisa “Alfabetiza Brasil” e o “Compromisso Criança Alfabetizada”. Acho que comentarei sobre isso na carta que eu vou fazer para Magda Soares, pois conversa bastante com o trabalho dela.

J. e M. aceitaram participar do meu TCC, já estou ansioso pela espera das cartas. Não se preocupe em responder as minhas cartas imediatamente, pois como fala Battistelli e Oliveira, a carta “se efetiva em um tempo outro (no tempo alargado entre a escrita, a entrega e a possível resposta)”. Acho que somos tão bombardeados com a necessidade de produtividade capitalista, que nos colocamos muita pressão para nos adequarmos à ela (Autocrítica? kkk).

Já estou bem adiantado nas escritas, vou lhe mandar o *link* da segunda carta, que está endereçada à comunidade científica. Estou

achando-a meio incompleta, faltando mais referencias sobre a escrita científica e sobre as cartas. Leia e me diga o que você acha...

Já alterei a sequência das cartas, porque vi que seria mais interessante escrever aos(às) docentes de ciências/biologia antes das cartas para Magda Soares e Regina Garcia. Essas últimas são assuntos mais específicos, com a necessidade de uma introdução ao tema, e para não repetir as mesmas coisas em cartas diferentes.

Acho que vou reunir minhas dúvidas sobre o que estou escrevendo nesse momento e lhe enviar outra carta. Essa aqui é só para não deixar a resposta tão distante.

É isso! Um abraço,

Vitor G. B. Hernesto.

## CARTA 12

João Pessoa/PB, 25 de julho de 2023.

Oi, Vitor!

Bom receber mais uma carta sua e saber que a sua matrícula no estágio IV deu certo. Nem sempre se consegue isso no CCA, mesmo quando se é concluinte, o que eu acho um absurdo! Além de ser desrespeitoso, a negação desse direito atrasa a vida e impede que outras oportunidades se realizem, pelo menos de imediato. Que bom que não será o teu caso...

Falando em possibilidades, está animado para concorrer ao mestrado? Em João Pessoa mesmo ou pensa em outro lugar? Como já te disse, o edital da seleção na Educação está aberto, caso deseje se inscrever. Sua pesquisa de TCC é potente, tem muitos desdobramentos que podem ser feitos num mestrado e até num possível doutorado.

Agradeço o envio dos arquivos com os livros de Lygia Bojunga, vou salvá-los em meu *drive*. Fico feliz que tenha gostado de “A bolsa amarela”, porque é um dos meus livros preferidos dessa autora. Como você pontuou, a infância pode nos ensinar muitas coisas, desde que não matem a nossa criança interior. Fico me perguntando: como podemos sustentar essa atitude, num formato de universidade que busca por evidências? Até que ponto esse entendimento tem costurado nosso pensamento, ao invés de ampliar nossas possibilidades de voo?

Gosto da forma simples e, ao mesmo tempo, sensível e complexa de como Lygia escreve. Toca muito a minha alma, por isso te sugeri esse encontro com as obras dela. Já imaginou como esses livros dialogam com o teu texto? Que intersecções são possíveis de se fazer? Fiquei curioso por saber o que tem te afetado...

Tem um livro que eu gostaria de te indicar, que trata justamente de formas como as crianças veem o mundo. Se chama “Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças”, de Javier Naranjo. Ao lembrar dele imediatamente me lembro de um perfil do Instagram, que se assemelha ao livro, por trazer relatos curtos de conversas com crianças. É o @frasesdecrianças, você conhece?

Fui à estante procurar o livro para te emprestar e acabei encontrando outros, do poeta Severino Antônio. Acho que você pode gostar, pois em suas obras ele defende uma escuta poética da infância. Vou levar os que tenho aqui, aí você decide o que fazer com eles...

Lerei em breve a sua segunda carta-capítulo e te darei um retorno no “tempo alargado”. Vá escrevendo o que lhe ocorrer, sem se preocupar em ter uma carta finalizada. Afinal... As cartas terminam? Ou geram outras cartas, algumas até que nunca serão escritas?

Estamos chamando esta carta-capítulo de segunda simplesmente pela ordem em que foi escrita. Mas, até depositarmos o trabalho final, você poderá ir mudando a sequência em que elas aparecerão no TCC, como você quiser. Vai experimentando brincar com isso e ver o que acontece... E, mesmo assim, no fim das contas, as pessoas que as lerão ainda poderão criar outras ordens, como bem as interessar. Olha que legal isso! Já tinha parado para pensar nessa possibilidade? Quantos efeitos essa possibilidade gerará?

Para matar a minha curiosidade: já recebeu alguma carta de M. e J.?

Abraço,

Saimonton.

EM TEMPO: Gostaria de te convidar a falar sobre o teu processo de pesquisa, na turma de “Fundamentos Psicológicos da Educação” para

a Licenciatura em Ciências Biológicas. Você topa? Estou de dedos cruzados, para que você nos dê um sim! Kkkkkk.

## CARTA 13

Areia/PB, 11 de outubro de 2023.

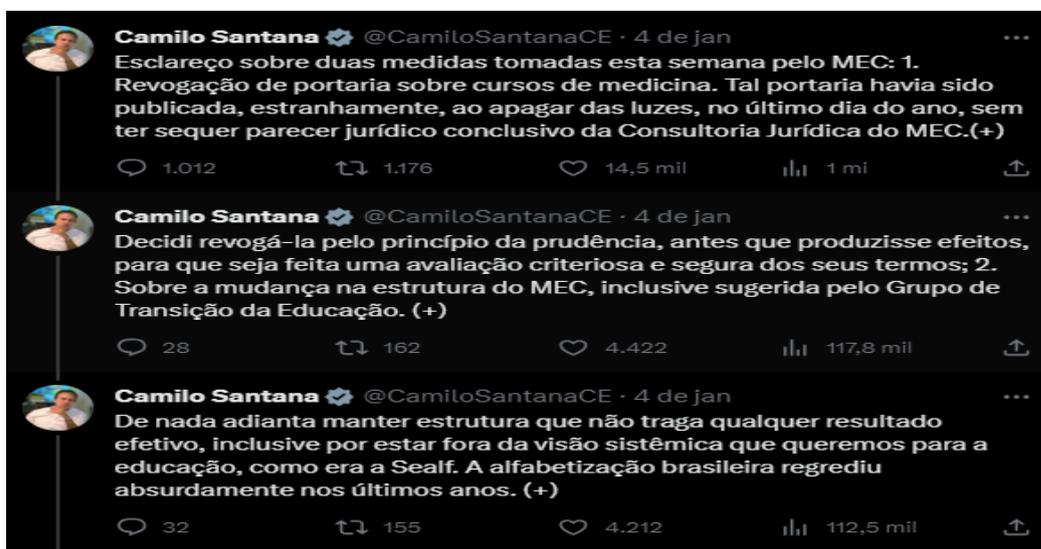
Senhor Ministro da Educação,

Escrevo esta carta enquanto concluinte do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, na Universidade Federal da Paraíba, e cidadão preocupado com a escolarização das crianças brasileiras. Desse modo, pretendo conversar com o senhor sobre políticas públicas relacionadas à alfabetização, a partir das informações que obtive em *threads* publicados no seu perfil oficial, na rede social virtual X, assim como no perfil do Ministério da Educação desta mesma rede.

Como sou bastante curioso, não me detive apenas em identificar os discursos sobre a alfabetização, mas também tentei entender quais efeitos eles traziam. Não pense que estarei aqui apenas para criticar seu trabalho; diferente disso, buscarei entender de que forma ele se dá e quais os pressupostos para tais ações.

Sendo assim, o primeiro *thread* que selecionei foi publicada bem no início do seu trabalho, quando o senhor anunciou quais seriam as primeiras ações a serem tomadas.

Imagem 1 – *Thread* do dia 4 de janeiro de 2023 (Parte I)



Na primeira parte do *thread* (Imagem 1), já pude ter alguns indícios de como seria a sua atuação. Sobre estas, o senhor indica que seriam baseadas “pelo princípio da prudência”. Minha dúvida foi: o que seria esse princípio? Qual sua relação com a alfabetização de crianças?

Numa rápida busca na internet, aprendi que a palavra prudência vem do latim *prudencia* (perversão, sagacidade) e diz respeito à capacidade de julgar as ações entre maliciosas e virtuosas, tendo como referência um determinado tempo e lugar (Prudência, 2021). Sendo assim, imagino que o ato de agir com prudência indica que, em suas ações ministeriais, o senhor evitará alguns riscos, a partir do julgamento criterioso e seguro de suas ações.

Em relação à alfabetização, penso que esse discurso indique pensar em como alfabetizar da melhor maneira, adequando suas ações ao contexto educacional do Brasil. Entendo que este deveria ser um princípio utilizado por todas as pessoas que detêm algum poder político, concorda?

Além disso, no mesmo *thread* eu obtive outras indicações de como seriam suas ações no ministério, quando o senhor afirmou a necessidade de ter “um parecer jurídico conclusivo da consultoria jurídica do MEC”. Ficou implícito a ideia do trabalho coletivo e interdisciplinar, por sua necessidade de ouvir pessoas especializadas antes de tomar decisões.

Na sequência dos dias, consegui ver essa ideia em ação na sua agenda de compromissos profissionais. Em diferentes dias, houve vários encontros com interessados(as) nos rumos da educação do Brasil, conforme divulgado no perfil do Ministério da Educação (Brasil, 2023a):

1. Reunião com a Frente Nacional de Prefeitos;

2. Seminário "Alfabetização no Brasil: marcos pedagógicos, avaliação e acompanhamento da aprendizagem", realizado pelo MEC com a participação de professores(as), pesquisadores(as) e outros(as) representantes da comunidade escolar;
3. Seminário Internacional do Serviço Social da Indústria (SESI)/ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) sobre Educação;
4. Reunião com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e secretários(as) de Educação de todos os estados;
5. Reunião com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime);
6. Reunião da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados;
7. Evento promovido pela organização Todos Pela Educação;
8. Fórum Mundial de Educação (EWF).

Além disso, o senhor efetivou a participação social no âmbito da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), por meio da criação de comissões compostas por integrantes do governo e da sociedade civil. Tais equipes estão responsáveis pela implementação, avaliação e monitoramento das políticas públicas (Brasil, 2023a), dentre estas a de alfabetização.

De acordo com o que tem sido postado, na rede social virtual "X", em sua atuação enquanto ministro e para a elaboração da política nacional de alfabetização, o senhor tem ouvido vários agentes sociais, com diferentes perspectivas e expectativas, sobre o que é e qual a função da educação (e da alfabetização). Estou correto? Por isso, pergunto: como tem agido, ao tomar conhecimento dessas diferenças, uma vez que será avaliado a cada escolha que fará? Até que ponto conseguirá agir com prudência?

O segundo aspecto que observei, apresentado no mesmo *thread*, diz respeito à nova estrutura do Ministério da Educação. Curioso para saber o que realmente mudou, descobri que o senhor reativou a

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) e instalou o Comitê Estratégico Nacional do Compromisso Nacional “Criança Alfabetizada” (Cenac), além da Rede Nacional de Articulação de Gestão, Formação e Mobilização (Renalfa). Qual a importância desses dispositivos para a atuação do Ministério da Educação? Quais suas funções?

Em relação à Secadi, descobri que tinha sido extinta durante o governo Bolsonaro (2019-2022), o que significou a invisibilização e naturalização das diferenças, o fortalecimento da política de despolitização, a negação do direito à educação para/com a diversidade e o enfraquecimento da democracia (Jakimiu, 2021). Desse modo, a recuperação desta secretaria demonstra a retomada de princípios democráticos na educação, abrangendo sujeitos historicamente silenciados e excluídos dos processos de escolarização.

Quanto ao Cenac, foi proposto como dispositivo de função estratégica e mobilizadora, para atuar em regime de colaboração com os estados e os municípios brasileiros. Desse modo, tem como missão apoiar os entes federativos a instituírem seus Comitês Estratégicos Estaduais do Compromisso (Ceec) que serão 27, representando os estados e o Distrito Federal (Brasil, 2023a).

Por último, a Renalfa tem como objetivo liderar a implementação dos programas de formação, gestão e acompanhamento dos processos pedagógicos, com foco na alfabetização de crianças. Assim, serão indicados(as) mais de 1600 articuladores(as) regionais e 5568 municipais (Brasil, 2023a).

Tomar conhecimento de tais ações me remeteu às políticas e aos programas governamentais de alfabetização desenvolvidos por governos anteriores. Como exemplo, posso citar: o Mobral (1968), o Programa Nacional de Alfabetização (1980), a Política Brasil Alfabetizado (1990), a Política Nacional Alfabetização na Idade Certa

(2014) e a Política Nacional de Alfabetização (2019). Com avanços e retrocessos, na maioria das vezes produziram bons resultados, embora a alfabetização ainda não tenha se tornado um direito pleno.

A partir de tal lembrança, me surgiram alguns questionamentos: Que efeitos tais políticas trouxeram para a erradicação do analfabetismo? Onde está localizado o problema do analfabetismo no Brasil? Qual sua visão de alfabetização? Qual seria o resultado buscado em sua gestão?

Imagem 2 – *Thread* do dia 4 de janeiro de 2023 (Parte II)



Fonte: <https://twitter.com/CamiloSantanaCE/status/1610684658664247296>.

Na continuação do *thread* (Imagem 2), surgem outros indícios de como o senhor pretende que seja a sua atuação à frente do Ministério da Educação, especificamente no que se refere à alfabetização. Desse modo, questiono: como seria uma alfabetização na idade certa?

Entendo que a ideia de idade certa é oriunda do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que foi criado para cumprir a meta 2 do relatório produzido pelo movimento Todos pela Educação. Posteriormente, foi transformada em decreto, que

objetivava: “alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico” (Brasil, 2007). Então, alfabetizar na idade certa seria alfabetizar até os oito anos. Mas por que essa idade?

Ansiliero e Rosa (2014) me ajudam a problematizar essa questão, ao informarem que a inclusão do termo “idade certa” nas políticas educacionais brasileiras trouxe polêmicas, com diferentes perspectivas teóricas entre pesquisadores(as) em alfabetização. Os autores afirmam que mais importante que definir uma idade para alfabetizar seria dar oportunidade às crianças de ter experiências com o mundo letrado, de interação com os(as) outros(as) e com o conhecimento.

Assim, compreendo que para criar uma boa política de alfabetização requer pensarmos de que forma as crianças estão passando por esse processo. Tal encaminhamento não seria mais adequado que se preocupar em definir qual a melhor idade para uma criança se alfabetizar?

Quanto à promessa de ter um quadro de pessoas qualificadas na gestão das políticas ministeriais, busquei analisar o currículo de dois membros da Secadi: a secretária Zara Figueiredo e a coordenadora geral de alfabetização, Maria do Socorro Alencar Nunes. Pude observar que ambas têm longa história de trabalhos prestados à educação, tanto na educação básica como no ensino superior. Por esse motivo, mostram-se qualificadas para exercer suas funções, especialmente por pesquisarem nas áreas com que estão trabalhando.

A secretária Zara Figueiredo, segundo seu currículo (CNPq, 2022) é formada em magistério, possui graduação em Letras e Pedagogia, tem mestrado em Letras e doutorado em Educação. Foi docente da educação básica, na rede pública, e atualmente é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto.

No texto informado pela autora, ela afirma que atua principalmente nos seguintes temas: Equidade Educacional Racial, Medidas de Equidade na Educação, Nova Gestão Pública e Educação, Governança Educacional.

Já a coordenadora geral de alfabetização, Maria do Socorro Alencar Nunes, é formada em magistério, tem graduação em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, além de mestrado e doutorado em Educação. Atualmente é professora titular da Universidade Federal de São João Del-Rei e líder do grupo de pesquisa “Alfabetização, Linguagem e Colonialidade” (CNPq, 2023a).

Assim, senhor Ministro, além de ver que seu compromisso está sendo transformado em ações, esta pesquisa me fez querer saber como foram escolhidos os componentes do ministério no governo anterior. Será que eles tinham algum trabalho na área? Eram pessoas qualificadas? Para saber disso, analisei os currículos de alguns integrantes da extinta Sealf: o secretário Carlos Francisco de Paula Nadalim, o diretor de políticas de alfabetização Fabio de Barros Correia Gomes Filho e a coordenadora geral de programas de alfabetização Talita Lima Lemes.

Sobre Carlos Nadalim, temos em seu currículo que ele tem o curso técnico profissionalizante em segurança do trabalho, graduação em Direito, especialização em História e Teorias da Arte, especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea e mestrado em Educação. Atualmente é professor de Filosofia no Centro Universitário Filadélfia, Professor de Música do Colégio Londrinense e Professor de Violão do Centro Educacional La Salle (CNPq, 2011).

Já o diretor de políticas de alfabetização, Fabio Filho, tem graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade de Brasília. Atualmente é auditor Federal de Finanças e Controle da Secretaria do

Tesouro Nacional, tendo trabalhado em diversos anos como servidor público no Ministério da Educação (CNPq, 2023b).

Sobre Talita Lemes, que foi a coordenadora geral dos programas de alfabetização, temos que ela se graduou em Relações Internacionais, pelo Centro Universitário de Brasília, e na data da publicação esta era mestranda em Estudos Comparados sobre as Américas pela Universidade de Brasília (Escavador, 2020).

A diferença é evidente, no que se refere à qualificação das duas equipes. A secretaria responsável pela alfabetização, durante o governo Bolsonaro, era composta por pessoas que não tinham experiência ou trabalho comprovado com relação à alfabetização. Quem mais se aproximava era o secretário Carlos Nadalim, por ter pós-graduação e atuação em educação. Com isso, entendemos um dos motivos da distância entre as políticas públicas daquele governo e a reconhecida produção científica do nosso país sobre a alfabetização. se deu por seus componentes não serem da área com a qual trabalhavam no governo.

Imagem 3 – *Thread* do dia 12 de abril de 2023 (Parte I)



Fonte: <https://twitter.com/CamiloSantanaCE/status/1646138695597080580>.

Continuando a análise, trouxe o *thread* sobre sua visita à Comissão de Educação da Câmara dos Deputados. Logo de início, na Imagem 3, o senhor faz um compromisso bastante complexo, que é dialogar, pois isso requer atenção às demandas de diversas pessoas, que trazem em si diferentes concepções sobre a educação. Por esse motivo, busquei acompanhar como isso ocorria.

Comecei por algo que me chamou à atenção, enquanto passava pelos comentários das suas postagens no “X”, que foi a recorrência da *hashtag* #RevogaNEM. Esta é uma das pautas mais exigidas dentro do contexto atual da educação em nosso país, em diversos espaços e também nas redes sociais virtuais, no que se refere ao Novo Ensino Médio (NEM).

Neste caso, a *hashtag* estava sendo usada como etiqueta polêmica, tendo a capacidade de facilitar a circulação de mensagens com ela marcadas, contribuindo para a construção de sentidos sobre este evento polêmico do espaço público digital (Seixas, 2023). Então, usar essa *hashtag*, sozinha ou como parte do argumento, produziu determinado consenso sobre o que as pessoas queriam, de modo geral.

Sabendo disso, pensei: o ministro vai realmente atender o chamado do povo e revogar o NEM? De que formas isso pode ser feito? Durante a escrita dessa carta foi divulgada a notícia de uma reestruturação do NEM, tendo como principais mudanças: o aumento da carga horária da formação básica (de 1,8 mil para 2,4 mil horas); a retomada de todas as disciplinas obrigatórias do Ensino Médio; a vedação da oferta dos componentes da formação básica na modalidade de Ensino à Distância (O Globo, 2023). Sabemos que não se trata da revogação que as pessoas pediam, mas sinto que já é um avanço rumo ao cumprimento das reivindicações da sociedade brasileira.

Quanto às informações seguintes destas, logo em seguida, você afirma que há um “problema seríssimo de distorção idade-série” e que isso “estimula a evasão escolar”, com isso, me perguntei: O que seria a distorção idade série? Qual sua relação com a evasão escolar? O que nos dizem os dados das pesquisas?

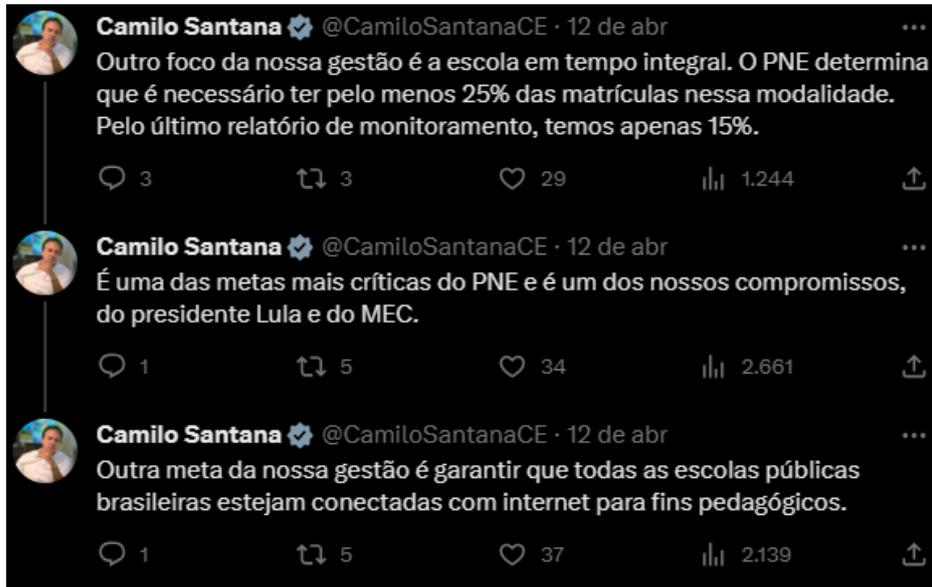
Quem me ajudou a entender isso foram os pesquisadores Girardi e Orzechowsk (2016) que afirmam que a distorção idade-série é uma situação em que um(a) estudante reprova ou abandona os estudos por um período de dois anos ou mais, encontrando-se em defasagem em relação à idade adequada para cada ano de estudo.

Dessa forma, conforme os autores, a evasão escolar é um dos fatores que ocasionam a distorção idade-série, junta a outros problemas como desmotivação, dificuldade de aprendizagem, repetência, indisciplina, entre outros.

Sobre os dados, a pesquisa mais recente, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2022, trouxe que a taxa de alunos nesta situação está em 10% no geral, sendo mais recorrente em escolas públicas, que têm uma taxa de 14%, do que em escolas privadas, que tem uma taxa de 5% (Brasil, 2023b).

Isso deixa claro a desigualdade que temos em nosso país, concorda? Sabendo que estamos falando de pessoas e não apenas de números, podemos pensar em quais as consequências da distorção idade-série para a vida destas pessoas: será que elas terão mais dificuldade de encontrar um bom emprego? E acesso às universidades? E em relação à qualidade de vida?

Ainda falando sobre isso, ao afirmar que “os primeiros anos são os mais importantes para a formação dos estudantes”, você entende que esse período é crucial para assegurar a permanência dos alunos nas escolas, de forma que não haja repetência e, com isso, diminua as taxas de distorção idade-série. Como a alfabetização é um dos primeiros processos da escolarização, realizada nos anos iniciais, vejo que dar ênfase em uma boa alfabetização é também uma busca pela diminuição dessas taxas, neste caso, alfabetizar é oportunizar uma melhor condição para as crianças se formarem, estou certo?

Imagem 4 – *Thread* do dia 12 de abril de 2023 (Parte II)

Fonte: <https://twitter.com/CamiloSantanaCE/status/1646138695597080580>.

Na continuação do *thread* (Imagem 4), você fala de outros focos dentro da sua atuação no Ministério da Educação. Começando pela “escola em tempo integral”, que faz parte das metas do Plano Nacional da Educação (PNE) para o período de 2014 a 2024. Em tal plano, as escolas em tempo integral estão na meta 6, que é oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% das escolas públicas, contemplando, pelo menos, 25% dos alunos da educação básica (Brasil, 2014).

Corroborando com seu discurso, vemos que a uma defasagem entre a meta 25% e as matrículas de 15% de alunos nesta modalidade. Como o plano tem menos de 2 anos para ser cumprido, concordo com você que implantar escolas de ensino integral é essencial para tentar cumpri-lo. Mas fiquei pensando: já que é uma das metas PNE, qual a importância das escolas de tempo integral para a educação brasileira? Será que os alunos aprendem mais passando mais tempo na escola? De onde vem essa ideia?

Minhas dúvidas em relação às escolas em tempo integral vêm tanto da minha experiência enquanto estudante, em que minha educação básica foi apenas em escolas de tempo parcial, então não sei como esse processo se dá pelo olhar de aluno, como pensando em minha atuação como professor, pois esse acréscimo de tempo na escola traz consigo muitos efeitos para a prática docente, que tem que se rearticular para se adequar ao novo modelo.

Para me auxiliar a entender isso, Cavaliere (2014) diz que a ampliação da jornada escolar, promovida nos últimos anos, vem da necessidade de as famílias terem as crianças protegidas e assistidas durante o período de trabalho dos pais, porém só a ampliação não é suficiente para enfrentar o desafio educacional do Brasil; só estar organizada em tempo integral não constrói uma escola em tempo integral nem cria condições para a educação integral.

Pude, neste texto, observar a diferença entre o aumento da carga horária da escola e uma escola em tempo integral. Para a autora, uma escola em tempo integral estaria implicada na educação física e moral, na educação para a cidadania, na educação para a sociedade da informação e da comunicação, na difusão cultural, na socialização e na formação para o trabalho. Para construir uma escola em tempo integral, é necessário construir e reformar escolas e formular e aprimorar modelos de trabalho articulando áreas disciplinares e temáticas (Cavaliere, 2014).

Sendo assim, consegui entender que as escolas em tempo integral são uma alternativa educacional relativa às necessidades da sociedade contemporânea, em que as escolas têm que aumentar a jornada de trabalho para atender de maneira mais completa (integral) e complexa as crianças e adolescentes que dela fazem parte. Não é uma tarefa fácil para todos que fazem parte desse processo, concorda?

No fim do *thread*, o senhor traz outra meta da sua atuação no MEC, que seria “garantir que as escolas estejam conectadas com internet para fins pedagógicos”. Sobre isso, questiono: o que essa meta significa? De que formas está inserida no contexto educacional atual?

Entendi que neste caso estamos falando de inclusão digital, não é?

Quem me ajuda a entender esse contexto é Bonilla (2014) que afirma que para pensar a inclusão social, precisamos da capacitação da população para uso, oferta de serviços e conteúdos e as formas de utilização dessas tecnologias. Sendo assim, podemos ultrapassar a ideia de que Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) são apenas ferramentas para a capacitação ao mercado de trabalho ou meras ferramentas midiáticas.

Pude observar no seu texto as TICs de maneira reduzida, afinal a internet seria apenas “para fins pedagógicos”, não sendo pensada como uma forma de adentrar a cultura digital, tão presente em nossas vidas. O papel dos alunos continuaria sendo apenas de consumidores de conteúdo, não sendo levado em conta seu papel como produtores de conteúdo em tais redes.

Neste mesmo artigo, a autora faz uma analogia interessante para entendermos o que ela pensa sobre inclusão digital. Ela afirma que promover uma iniciação da população para o uso das tecnologias digitais (alfabetização digital é uma ação social válida, porém é discutido no que essas abordagens contribuem para que os sujeitos possam agir ativamente nas dinâmicas sociais através destas tecnologias, para poderem gerar mudanças em relação a suas demandas sociais, culturais e políticas (Bonilla, 2014).

Nesta fala temos uma analogia em relação à diferença entre alfabetização e letramento que, como afirmava Soares (2005), a alfabetização era o aprendizado do código da língua escrita e o

letramento era o uso dos códigos da língua em práticas sociais. Assim, a alfabetização, em ambos os casos está sendo definida em seu sentido restrito, o de aprender as regras das tecnologias e das línguas, enquanto o letramento seria o uso desses conhecimentos em práticas sociais do seu cotidiano, tanto em relação à língua como às tecnologias digitais.

Entende a importância de articular o acesso às tecnologias e à língua com as práticas sociais que delas necessitam? Fazendo isso, podemos ter um trabalho realmente significativo na vida dessas pessoas, trazendo para elas a oportunidade de adentrar e transformar as culturas letradas e digitais.

Imagem 5 – *Thread* do dia 12 de junho de 2023 (Parte I)



Fonte: <https://twitter.com/CamiloSantanaCE/status/1668267417250799618>.

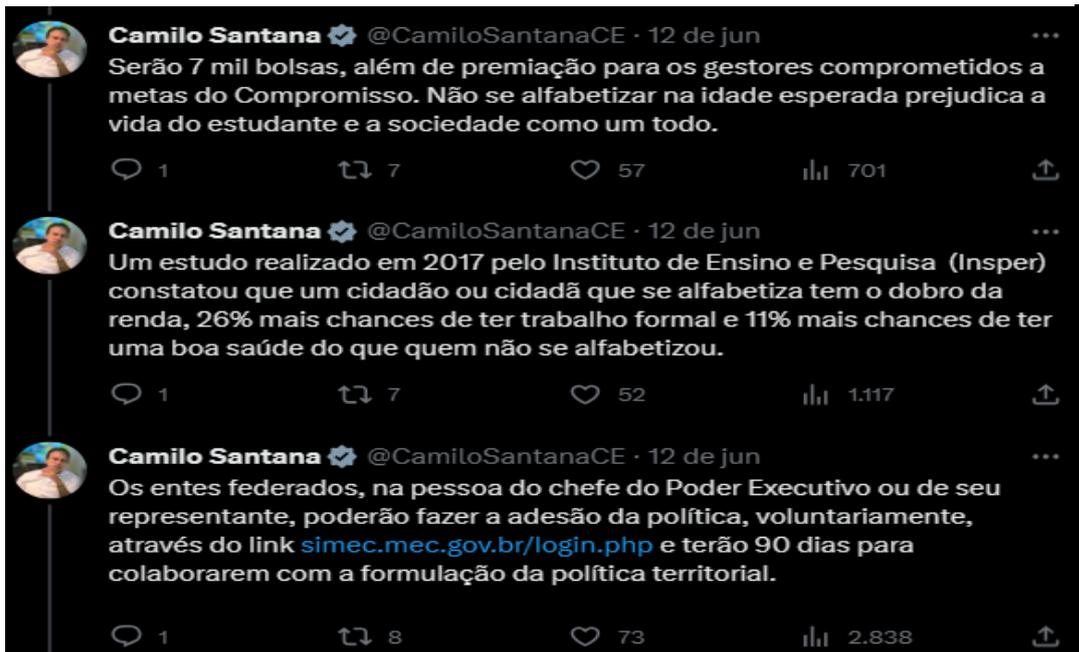
O terceiro e último *thread* que selecionei foi usada pelo senhor para explicar a política pública do atual governo para a alfabetização, o “Compromisso Nacional Criança Alfabetizada”.

Na imagem 5, o objetivo assumido pela proposição dessa política é bem complexo, afinal “assegurar que 100% das crianças do Brasil saibam ler e escrever ao final do segundo ano do ensino fundamental” é uma meta almejada a várias décadas, por diversas campanhas que, como vimos, não atingiram o resultado esperado.

Ainda nesse trecho, o senhor assume o parâmetro para considerarmos a criança alfabetizada, retomando o que tínhamos conversado anteriormente sobre alfabetização na idade certa, que segundo esta política seriam até os oito anos de idade, e a busca pela diminuição da distorção idade-série, que será diminuída se todas as crianças forem alfabetizadas.

Neste ponto, você entender a alfabetização como a base para a educação, não é? Pois após ser alfabetizada a criança poderá ir “avançando plenamente nas etapas seguintes com autonomia e confiança”. Essa parte concorda com Garcia (1997b) que indica que, quando não alfabetizadas, as crianças terão dificuldades em outras etapas da educação e até da vida.

Gostei muito de chegar no último *thread* e ver que o que tinha estudado lá no início, dos compromissos assumidos pelo governo, estão se cumprindo. Digo isso pois o MEC será responsável, “em regime de colaboração, pelo apoio técnico e financeiro de estados e municípios e Distrito Federal”, justamente o trabalho colaborativo e interdisciplinar evidenciado nas suas primeiras palavras como ministro.

Imagem 6 – *Thread* do dia 12 de junho de 2023 (parte II)

Fonte: <https://twitter.com/CamiloSantanaCE/status/1668267417250799618>.

Neste momento, a partir dos discursos da Imagem 6, temos uma indicação de como se dará a relação colaborativa, quanto diz que haverá “premiação para os gestores comprometidas a metas do Compromisso”. Sendo assim, o senhor traz o incentivo financeiro como uma das formas de estímulo aos gestores, que, a partir daí, esperasse que busquem trabalhar ativamente para atingir os objetivos desta política.

Mas qual a importância da alfabetização para a nossa sociedade e para a vida das pessoas? É aqui que você argumenta que o analfabetismo “prejudica a vida do estudante e a sociedade como um todo”, complementando com dados da pesquisa realizada pelo Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), que mostra que o alfabetizado “tem dobro da renda, 26% mais chances de ter trabalho formal e 11% mais chances de ter uma boa saúde do que quem não se alfabetizou”. Estas são algumas das consequências sociais do analfabetismo, trazê-las

para a discussão corrobora com a importância de formular uma política pública efetiva de alfabetização, não é mesmo?

Gostei de ver que em sua política tem a possibilidade de “adesão voluntária”, sendo bem diferente de algumas políticas que vimos nos últimos anos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio. Outra diferença importante, é que os estados poderão (e deverão) colaborar com a “formulação da política territorial”, assim você indica que o poder será repartido, em que todos poderão se basear na sua realidade para trabalhar em prol da alfabetização.

Imagem 7 – *Thread* do dia 12 de junho de 2023 (parte III)



Fonte: <https://twitter.com/CamiloSantanaCE/status/1668267417250799618>.

No fim do *thread*, Imagem 7, você indica de outro canal para obter informações sobre o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, o que me indica que os discursos presentes nas suas postagens na rede social virtual X podem ser um dos canais oficiais para se informar das políticas educacionais do atual governo, corroborando com a ideia inicial desta pesquisa, em que afirmo a

importância das redes sociais virtuais para o acompanhamento e contestação das políticas.

Para finalizar, já que falamos tanto em relação ao tempo, seja a alfabetização na idade certa, a educação em tempo integral, as políticas de alfabetização ao longo dos anos, o nosso tempo atual, o tempo perdido nos últimos anos, enfim... deixo para finalizar o poema de Mário Quintana (1981), para podermos refletir sobre estas questões. Muito obrigado pela atenção!

Seiscentos e sessenta e seis

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando se vê, já é sexta-feira!

Quando se vê, já é natal...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê passaram 50 anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado...

Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...

Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...

E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.

Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.

A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca  
mais voltará.

Mario Quintana

Um abraço.

Vitor G. B. Hernesto.

## CARTA 14

Areia/PB, 14 de julho de 2023.

Queridos(as) colegas, docentes das Ciências Biológicas,

Se esta carta chegou até vocês é porque, de alguma maneira, houve interesse pela minha pesquisa. Assim, vou aproveitar a oportunidade para lhes fazer uma pergunta: já sentiram dificuldade de ministrar uma aula de ciências e/ou de biologia, por causa de estudantes de uma turma não conseguirem ler e escrever? Se sim, essa carta tem tudo a ver com vocês, pois nela eu vou falar do que aprendi sobre a alfabetização.

Para começarmos a entender um pouco sobre esse processo, primeiro temos que diferenciar dois termos: alfabetização e letramento. Li em "Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos" (2004), de Magda Soares, que a alfabetização é a aquisição do sistema convencional de escrita; já o letramento diz respeito ao desenvolvimento de comportamentos e habilidades de leitura e da escrita, em práticas sociais.

Conseguiram entender? Se não, fiquem despreocupados! Darei alguns exemplos que acho que poderão ajudar na compreensão.

Quando eu estava me alfabetizando, lembro que fiz várias tarefas de completar os espaços com a letra adequada: "s" ou "z", "c" ou "ç", "rr" ou "r". Sem me deter numa análise quanto à adequação da proposta, posso considerá-la como uma atividade de alfabetização, porque visa ensinar como usamos o código de nossa língua materna - que no caso é o português brasileiro.

Antes de dar o próximo exemplo, gostaria de fazer a vocês outras perguntas: já enviaram um bilhete ou carta para alguém? Se sim, tiveram resposta? Pergunto isso porque o ato de vivenciar a leitura e

a escrita em atividades do dia a dia, como as que me refiro aqui, é considerado como letramento. É caracterizado como tal pois estamos usando o conhecimento linguístico que temos, numa prática social.

Nesse momento você pode até me dizer: acho que ambos os casos são de alfabetização. No entanto, Magda Soares - no mesmo livro - nos diz que são processos diferentes, embora indissociáveis e complementares. Diferentes, pois necessitam de comportamentos e habilidades específicos; indissociáveis e complementares, pois a alfabetização está relacionada às práticas sociais de escrita e leitura e o letramento se dá ao usarmos o código de escrita convencional, em situações cotidianas.

Ao ler sobre esses conceitos, resolvi escrever um pequeno poema para falar sobre o que aprendi. Vou compartilhá-lo agora com vocês:

#### ALFABETIZAR

Alfabetizar é ler, escrever e também falar

É saber a diferença entre “mas” e “mais”

Mas também é uma carta.

É entender o que significa a palavra “voar”

Mas também é voar com as palavras.

A inspiração para essa escrita me surgiu quando li uma outra obra de Magda Soares, chamada "As muitas facetas da alfabetização" (1985), na qual ela nos diz que para alfabetizarmos temos que entender as relações que se estabelecem sobre três aspectos: fonemas e grafemas (primeiro e segundo versos), expressão e compreensão de significados (segundo e quarto versos) e aspecto social (terceiro e quinto versos).

Tentem lembrar como vocês se alfabetizaram e, a partir de tais memórias, me respondam: em qual(is) dos aspectos listados havia ênfase? Faço tal provocação a vocês pois aprendi com Paulo Freire, no livro "Ação cultural para a liberdade e outros escritos" (2006), que não há conhecimento neutro e, por isso, com a alfabetização não seria diferente. Temos diferentes perspectivas teórico-metodológicas que concorrem entre si, com base no projeto político almejado.

Para ampliarmos nossa conversa sobre isso, recorro mais uma vez às ideias de Magda Soares, contidas na obra "Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas" (1995), quando ela nos mostra que há duas perspectivas políticas principais: a liberal e a revolucionária.

A liberal vê a alfabetização do ponto de vista funcional, no qual o ato de alfabetizar visa o atendimento de demandas do mercado de trabalho, ou seja, sua ênfase está nos primeiro e segundo aspectos anteriormente citados. Já a revolucionária vê o processo de uma perspectiva mais ampla, social. Nela, o ato de alfabetizar visa uma tomada de consciência, para os indivíduos poderem entender sua realidade e transformá-la, ou seja, tem sua ênfase no terceiro aspecto.

Viram como alfabetizar é um processo complexo? Por isso, peço que voltem à pergunta que fiz anteriormente e reflitam: Em qual das perspectivas - liberal ou revolucionária - vocês foram alfabetizados(as)? Achar que isso pode ter influenciado em quem vocês são hoje? Qual delas escolheriam, se coubessem a vocês, naquela época, tal escolha? Como lidariam com elas?

Pensar sobre essas perguntas me leva a formular algumas outras, ao invés de buscar uma resposta para elas: a quem interessa (não) alfabetizar? Qual o papel do(a) educador(a) nesse processo? A escola pública é feita para estudantes das classes populares mesmo? O que o projeto político vigente do país entende por alfabetização? A

apropriação da leitura e da escrita é conquistada nas escolas públicas? Que tipo de relações são ensinadas durante o processo de alfabetização? Para quê e para quem se alfabetiza? Quais são as barreiras para a entrada e a permanência de estudantes das classes populares nas escolas públicas?

Não me atrevo a dizer que construirei uma resposta para elas, nesta ou em outras cartas. Ao invés disso, de maneira cartográfica, irei criando novas perguntas e, com isso, novos caminhos, como um rizoma. Inspirado em “Mil Platôs” (1995), obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, buscarei percorrer a complexa teia de inter-relações que se dá nesse processo tão complexo que é a alfabetização, a partir dos ecos produzidos na problematização que me proponho a fazer.

Nesse sentido, como podemos pensar sobre as consequências que o analfabetismo pode causar na vida das pessoas? Regina Leite Garcia, na obra “Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio” (1997) nos dá uma pista ao dizer que o fracasso escolar é o primeiro caminho para o fracasso social. Desde o início de sua escolaridade, as crianças já vão para a escola com um *status*, dependendo de sua classe social: se forem de classe média/alta há certeza que darão certo; se forem das classes populares já chegam com o estigma de fracasso. Sendo assim, na escola se constrói a subalternidade consentida e inconsciente, assim como o individualismo possessivo, competitivo e consumista.

Vocês já tinham percebido essas relações na escola? Como as nossas atitudes, enquanto docentes, podem escancarar tais relações?

Na sequência de seu texto, Regina Garcia nos dá um exemplo. Ela fala que uma das formas de dominação é fazer crer aos subalternizados(as) que eles(as) nada sabem. Sendo assim, a prática da normalização, que considera o diferente como desvio necessário de ser corrigido, contribui para essa visão, pois o fracasso repetido

provoca medo e o esforço que não obtém resposta vai se transformando em desinteresse.

Então, quando expomos estudantes que têm alguma dificuldade a um julgamento ou à chacota de colegas, por escreverem uma palavra errada (por exemplo), estamos falando para eles(as) que não são capazes, que não adianta se esforçar. Escrever “certo” seria como um dom, nestes casos, não uma habilidade que pode ser aprendida, por isso não geram a necessidade de entender que caminhos levaram a uma escrita fora dos padrões convencionais.

Percebem como o processo de alfabetização é complexo? Como podemos nos comprometer com práticas pedagógicas mais contextualizadas e, por isso, inclusivas?

Podemos começar a mudança na fala, no olhar, na conversa, na escuta, nas impressões, no contato, no desejo, na conversa, na curiosidade. Podemos criar um espaço acolhedor, que promova encontros e a possibilidade de conversar sobre o vivido. Afinal, muitos são os caminhos criados pelas crianças para ler e escrever, por isso precisamos conhecê-los. A partir dessa mudança de atitude, podemos estabelecer outras conexões com essa maneira de *aprenderensinar*.

Você já teve aquela aula onde se sentia bem só de entrar na sala? Lembra como era tão prazerosa? Espero que sim... A maneira de organizar os processos educativos, dentre estes a alfabetização, está relacionada diretamente com as mudanças na sociedade. Por esse motivo, a escola acolheu a racionalidade do capital, seguindo os critérios de homogeneidade, fragmentação e hierarquização.

Isso não leva em conta que o espaço nos afeta e é afetado, que estamos a todo momento nos relacionando entre nós e com as coisas. São essas relações sociais que configuram o espaço, podendo ser relações de reprodução ou produção, conforme sinalizam Carmen Sanches Sampaio, Mitisi Pinheiro de Lacerda e Tiago Ribeiro, no texto

“Alfabetização sem cartilha: gestos, experiências e narrativas” (2019) Vou dar um exemplo, para que fique mais fácil de entenderem: quando propomos uma atividade e só aceitamos respostas iguais às aquelas do livro do professor, nossa turma está produzindo ou reproduzindo? É uma reflexão interessante... percebem?

Sabemos que essa mudança de atitude pode ser dificultada pelas reformas educacionais que tivemos nos últimos anos. Por estarem centradas nas exigências do mercado financeiro, podem levar às escolas a se aliarem à lógica de avaliação em larga escala, com a finalidade de melhores índices de desempenho nacional, distanciando-as das necessidades estudantis. O texto de Carmen Sanches Sampaio, Mitisi Pinheiro de Lacerda e Tiago Ribeiro também nos lembra disso.

Viram que a mudança não depende apenas de nós, mas de toda uma conjuntura político-social que influencia direta e indiretamente a sala de aula? A luta pela qualidade da educação pública é também uma questão política, por isso escrever essas cartas pode ser uma das estratégias de combate às injustiças e desigualdades sociais quanto aos acessos à leitura e à escrita. Escrever sobre alfabetização para que outras pessoas leiam e, a partir disso, se mobilizem pelos direitos de quem ainda não consegue, por escrito, dizer.

Acharam difícil organizar uma aula a partir dessa outra perspectiva? Como trazê-la para as aulas de ciências e biologia que ministramos? Entendo que será sempre um desafio, mas acredito que valerá a pena! Tentem, afinal, como nos disse Regina Garcia, no livro “Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio” (1997), só se aprende a escrever escrevendo, só se aprende a ler lendo. Se é assim, só aprenderemos a fazer fazendo...

Desculpem-me, caros(as) colegas, se esperavam encontrar aqui algumas prescrições! Minha intenção era deixar apenas algumas pistas, pois sei que cada docente é capaz de pensar nas necessidades de

suas turmas e, a partir disso, ressignificar as questões aqui compartilhadas. Por isso fico por aqui, com mais perguntas do que respostas e com a esperança de que essa carta possa contribuir de alguma forma com as realidades que vocês habitam. Qualquer coisa me mandem uma carta, ficarei lisonjeado em respondê-la. Meu *e-mail* é o: [vitorgabriel.b00@gmail.com](mailto:vitorgabriel.b00@gmail.com).

Até mais...

Vitor G. B. Hernesto.

## CARTA 15

Areia/PB, 01 de novembro de 2023.

Olá, querida professora e querido professor da Banca Examinadora!

Após tantas cartas, percebi o quanto este trabalho se modificou durante o processo de pesquisa. Tanto que eu nem fazia ideia de que seria dessa forma que estou lhes entregando hoje. Na trajetória percorrida, foi importante falar sobre o que não deu certo. Foi com as diversas tentativas que eu cheguei até aqui, desse jeito e não de outro. Com isso, aprendi que “perder-se também é caminho” (Lispector, 2014, p. 136).

(Re)lendo as cartas, consigo ver não só a transformação da pesquisa durante esse tempo, mas também a minha própria mudança. Comecei este trabalho com o intuito de conhecer como ocorre o processo de alfabetização, mas no decorrer dele fui aprendendo também sobre outras possibilidades de escrita acadêmica, como são as pesquisas educacionais, como se dá o trabalho coletivo em um grupo de pesquisa, como se trabalha como/com um orientador... sintetizando, aprendi, a cada passo, como viver na universidade.

O processo de produção deste TCC foi para mim um processo de desconstrução do que eu imaginava ser a escrita acadêmica. Fui ensinado desde cedo na universidade que a escrita que valia era aquela positivista, ou seja, a que mantinha uma “neutralidade” e fragmentava o trabalho em “caixinhas”. Falar por mim (e por outras pessoas também), jamais! Era preciso sempre usar referências de quem tem o poder e a autoridade, de modo a validar o que eu estava falando. Era preciso valorizar a objetividade do trabalho, desconsiderando a importância da subjetividade para a pesquisa.

Mudar a rota de minha escrita só foi possível pelo trabalho coletivo que vivenciei no COM-Fabulações: ateliê de pesquisas

Inventivas em educação. Além de dialogar sobre artigos que tratavam de nossa perspectiva de trabalho, também tínhamos a oportunidade de apresentar o que estávamos desenvolvendo, sendo encorajados a experimentar. Com isso, me arrisquei a poetizar, provocado pela pergunta disparadora: o que estou fazendo no Ateliê?

O que estou fazendo no ateliê?

O que é um ateliê?

Um lugar de fazer arte

Um lugar do qual faço parte

Um lugar de criar e transformar

Um lugar de pesquisar e formar

Como estou no ateliê?

Leituras, reuniões, conversas, discussões

Escritas, perguntas, diários, confissões

Como ando, como passo, como faço

Como vejo, como sinto, como sou

Afinal, como estou?

Na última hora é que fiz a atividade

Será que não sei lidar com a liberdade?

Será falta de responsabilidade?

Ou será apenas o atropelo da realidade?

A ruminância dos pensamentos me diz que posso fazer mais

Sim, eu posso ir além

O que não posso é ficar refém dessa positividade

Fazer as atividades do ateliê me faz pensar na vida

Mesmo que não seja perfeita e do jeito que a gente quer

Vamos vivendo e aprendendo a viver

Vamos convivendo com o que queremos ser

Vamos existindo e deixando florescer

Além dessa experiência de corresponsabilidade e solidariedade, muitos outros intercessores teórico-metodológicos me auxiliaram neste processo de pesquisa e escrita - a exemplo de Battistelli e Oliveira (2021), Battistelli, Oliveira e Costa (2023), Moraes e Castro (2018) e Paulo (2022), especialmente para entender que as cartas são ferramentas epistemológicas para pensar as pesquisas como forma de atuação política. Também me indicaram pistas para uma busca quanto à estetização da escrita acadêmica, de maneira poética, metafórica, afetiva, tentando trazer o(a) leitor(a) para próximo de mim.

Foi por isso que usamos as cartas em uma outra perspectiva: a comunicação entre orientador-orientando. Explorando tal possibilidade, pudemos definir os rumos da pesquisa e discutir as leituras indicadas, além de conversarmos sobre a vida e nos aproximarmos mais, criando uma relação de amizade. Afinal, este não precisa ser um processo doloroso, autoritário e nem distante; podemos

nos conectar e torná-lo leve, para isso as cartas podem ser nossas aliadas.

Quanto à alfabetização, o que eu aprendi? Neste caso, as principais intercessoras Garcia (1997a, 1997b) e Soares (1985, 1995, 2004, 2005), que me fizeram entender que o processo de alfabetização é complexo e marcado por várias relações de poder. Desse modo, assumir uma perspectiva política de criticidade é essencial para entendermos o constante fracasso que temos em alfabetizar as crianças de nosso país.

Conhecer as narrativas da rede social virtual “X” me ajudou a entender o contexto político atual da alfabetização no Brasil e, com isso, atualizar a discussão, por meio do acesso aos canais oficiais que tratavam da questão. Alguns intercessores que me auxiliaram na referida tarefa foram Foucault (1996), Hall (2017), Dutra-Pereira; Tinôco (2022) e Seixas (2023). Através de suas palavras pude perceber a potência dos discursos nas redes sociais, que se tornaram cada vez mais presentes e, com isso, impactantes em nossa vida cotidiana, como afirmam Santos e Santos (2014).

Pesquisar numa rede social virtual me colocou em um constante movimento de espiral. Cada parte de um discurso me afetava de uma maneira diferente e me fazia buscar, por meio de diversas fontes, entender as origens e os efeitos de tais enunciações produziam.

O modo de trabalhar do atual ministro da educação, Camilo Santana, se mostrou uma contraposição ao governo anterior, que segundo suas palavras “foi um tempo perdido”. Por isso, tem assumido nos *tweets* diversos compromissos acerca das ações do Ministério da Educação, como: trabalhar com prudência e em coletivo, tendo a alfabetização na idade certa como um dos principais focos; contar com o apoio de estados e municípios, na realização das estratégias ministeriais; assessorar-se de pessoas qualificadas e com reconhecido

trabalho na educação; manter-se aberto ao diálogo; fomentar escolas em tempo integral e conectadas com internet.

De certa forma esses compromissos têm sido cumpridos, como demonstram a Pesquisa Alfabetiza Brasil e o Compromisso Criança Alfabetizada. São alguns avanços em relação à valorização política de professores(as) e das pesquisas educacionais brasileiras, que se comprometem a erradicar o analfabetismo e promover uma educação integral. Apenas o tempo nos dirá que resultados essas políticas trouxeram, mas por enquanto é preciso esperar.

Escrever uma carta a docentes de ciências/biologia (e como um destes) me possibilitou retomar a dúvida inicial que eu tinha, a partir do compartilhar uma situação por mim vivida. Com ela e com a pesquisa, aprendi sobre a atitude política de não naturalizar as desigualdades sociais, tão presentes em nosso país e na educação. Me indicaram pistas de como atuar de maneira crítica, questionando como as coisas são, sem desacreditar na educação, como me ensinou um poema de Bertolt Brecht (Brecht, 1982).

Nada é impossível de mudar

Desconfiai do mais trivial,

na aparência singelo.

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente:

não aceitais o que é de hábito

como coisa natural,

pois em tempo de desordem sangrenta,

de confusão organizada,

de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural  
nada deve parecer impossível de mudar.

Como disse Mário, do filme “O Carteiro e o Poeta”, “A poesia não pertence a quem escreve, mas àqueles que precisam dela” (Radford, 1998, s. p.). Inspirado nele, arrisco falar: as cartas não pertencem a quem as escreve, mas a quem precisa delas. Tomara que, a tais pessoas, essas cartas cheguem!

Vitor G. B. Hernesto.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista brasileira de educação*, p. 62-74, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. de 2023.
- ANSILIERO, Juliana Basso; ROSA, Zuleide Ramos Ferreira da. Alfabetização e letramento: percorrendo o caminho até o pacto nacional da alfabetização na idade certa. *Unesco & Ciência - ACHS*, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 191-202, 2014. Disponível em: [https://periodicos.unesco.edu.br/achs/article/view/5548/pdf\\_42](https://periodicos.unesco.edu.br/achs/article/view/5548/pdf_42). Acesso em: 05 nov. de 2023.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. Cartas: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. *Currículo sem Fronteiras*. v. 21, n. 2, p. 679-701, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/battistelli-oliveira.pdf>. Acesso em: 05 nov. de 2023.
- BATTISTELLI, Bruna Moraes; OLIVEIRA, Érika Cecília Soares; COSTA, Luciano Bedin da. A escrita de cartas-ensaios para questionar o fazer em pesquisa. *Organon*, v. 38, n. 75, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/131262/89261>. Acesso em: 05 nov. de 2023.
- BELCHIOR. Alucinação. In: ALUCINAÇÃO. Intérprete: Belchior. [s. l.]: PolyGram, 1976. 1 disco sonoro. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6LOAcxawVWOQ56iJTczw3r>. Acesso em: 05 nov. de 2023.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. de 2023.
- BONILLA, Maria Helena Silveira. Inclusão digital nas escolas - educação, direitos humanos e inclusão social: histórias, memórias e políticas educacionais. João Pessoa: EDUEPB, v. 1, p. 183-200, 2009.
- BRASIL. Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007. Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estados, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6094.htm). Acesso em: 05 out. de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Tweets de 01 de janeiro de 2023 a 6 de setembro de 2023. X: @min-educacao. 2023a. Disponível em: [https://twitter.com/search?q=alfabetiza%C3%A7%C3%A3o\(from%3Amin\\_educacao\)%20until%3A2023-09-06%20since%3A2023-01-01&src=typed\\_query](https://twitter.com/search?q=alfabetiza%C3%A7%C3%A3o(from%3Amin_educacao)%20until%3A2023-09-06%20since%3A2023-01-01&src=typed_query). Acesso em: 05 nov. de 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Taxas de distorção idade-série. 2023b. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/informacoes\\_estatisticas/indicadores\\_educacionais/2022/TDI\\_2022\\_BRASIL\\_REGIOES\\_UFS.zip](https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/indicadores_educacionais/2022/TDI_2022_BRASIL_REGIOES_UFS.zip). Acesso em: 05 nov. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resultados. 2023c. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/alfabetiza-brasil/resultados>. Acesso em: 07 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm). Acesso em: 05 nov. de 2023.

BRECHT, Bertolt. Nada é impossível de mudar. *In*: Antologia poética. Rio de Janeiro: ELO, 1982.

CAVALIERE, Ana Maria. Escola pública de tempo integral no Brasil: filantropia ou política de Estado? *Educação & Sociedade*, v. 35, p. 1205-1222, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Qg3Kydrq3nNyMJqYFrpkWcv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. de 2023.

CENTRAL DO BRASIL. Direção: Walter Salles. Produção de Arthur Cohn e Martine de Clermont-Tonnerre. Brasil: Audiovisual Produções Cinematográficas Ltda., 1998. 1 DVD.

CNPQ. Currículo do Sistema Currículo Lattes. Informações sobre Maria do Rosaria Figueiredo Tripodi. 2022. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3705451568314846>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CNPQ. Currículo do Sistema Currículo Lattes. Informações sobre Maria do Socorro Alencar Nunes. 2023a. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6550649595912231>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CNPQ. Currículo do Sistema Currículo Lattes. Informações sobre Carlos Francisco de Paula Nadalim. 2011. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6650335936688772>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CNPQ. Currículo do Sistema Currículo Lattes. Informações sobre Fabio de Barros Correia Gomes Filho. 2023b. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2378062082698133>. Acesso em: 05 nov. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. 2. ed., São Paulo: Editora 34, 1995.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; TINÔCO, Saimonton. #BNCC: carta aberta sobre políticas educacionais e e-narrativas no *Twitter*. Revista Espaço do Currículo, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 1-7, 2022. DOI: 10.15687/rec.v15i2.62654. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/62654/36154>. Acesso em: 05 nov. de 2023.

ESCAVADOR. Talita Lima Lemes. 2020. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3193639/talita-lima-lemes>. Acesso em: 05 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural do Colégio de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed., São Paulo: Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 11 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, Regina Leite (org.). Alfabetização dos alunos das classes populares: ainda um desafio. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1997a, (Coleção Questões da nossa época) v. 6.

GARCIA, Regina Leite. Trabalho apresentado na Cumbre Internacional Educacional – painel Educacion Valores y Cultura, em 12 de fevereiro de 1997b – Cidade do México/México.

GIRARDI, Lisiane Cecchele; ORZECOWSKI, Suzete Terezinha. Distorção idade-série: desafio de uma educação de qualidade para todos. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. 2016. Curitiba: SEED/PR., 2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, [s. l.], v. 22, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 05 nov. de 2023.

JAKIMIU, Vanessa Campos de Lara. Extinção da secadi: a negação do direito à educação (para e com a diversidade). Revista de Estudos em

Educação e Diversidade - REED, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 115-137, 2021.

Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/8149/5735>.

Acesso em: 05 nov. de 2023.

MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yk6kZHrLP7nhyPWHL7TRJC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 nov. de 2023

O CARTEIRO E O POETA. Direção: Michel Radford. Produção de Mario e Vittorio Cecchi Gori. Itália: Cecchi Gori Group Tiger Cinematografica, 1994. 1 DVD.

O GLOBO. Novo Ensino Médio: proposta de mudança entregue a Lula por ministro da Educação vai para Congresso; veja principais pontos. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/10/24/novo-ensino-medio-ministro-da-educacao-entrega-proposta-para-lula-com-mudancas-apos-criticas-veja-principais-pontos.ghtml>. Acesso em: 06 nov. de 2023.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016. (vol. 2).

PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. *Revista Internacional de Educação Superior*, v. 9, p. e023019-e023019, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8670030/29803>. Acesso em: 05 nov. de 2023.

PRUDÊNCIA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Prud%C3%Aancia&oldid=62317052>. Acesso em: 05 nov. de 2023.

QUINTANA, Mário. Seiscentos e Sessenta e Seis. *In*: *Esconderijos do Tempo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

SAMPAIO, Carmen Sanches; LACERDA, Mitsi Pinheiro de; RIBEIRO, Tiago (org.). *Alfabetização sem cartilha: gestos, experiências e narrativas*. 1. ed. *online*. Avyu, 2019.

SANTOS, Valmaria Lemos da Costa; SANTOS, José Erimar dos. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. *Holos*, v. 6, p. 307-328, 2014. Disponível em:

[https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936/pdf\\_144](https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936/pdf_144). Acesso em: 05 nov. de 2023.

SEIXAS, Rodrigo. Retórica e argumentação no mundo digital: possibilidades para a análise de opiniões políticas no *Twitter*. In: Carreon, Renata de Oliveira, Ruiz, Marco Antônio Almeida; Araujo, Lígia Mara Boin Menossi de (org.). Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas. Araraquara: Letraria, 2023.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

SOARES, Magda. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. Revista Brasileira de Educação: Rio de Janeiro, n. 00, p. 05-16, 1995. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24781995000100002&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781995000100002&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 15 ago. 2023.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 3ª ed., São Paulo: Contexto, 2005.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. Cadernos de pesquisa, n. 52, p. 19-24, 1985. Disponível em:

<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/640.pdf>. Acesso em: 05 nov. de 2023.